



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**KARLA NASCIMENTO CRUZ**

**A CONDIÇÃO FEMININA: PERCEPÇÕES DE ALFABETIZANDOS E  
ALFABETIZANDAS SOBRE AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

**BRASÍLIA/DF**

**2014**

**KARLA NASCIMENTO CRUZ**

**A CONDIÇÃO FEMININA: PERCEPÇÕES DE ALFABETIZANDOS E  
ALFABETIZANDAS SOBRE AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clárisse Vieira.

**Comissão Examinadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clárisse Vieira - Orientadora**

MTC/FE/UnB

**Prof.<sup>a</sup> Msc. Miliane Nogueira Magalhães Benício - Examinadora**

NEAL/CFORM/UnB

**Prof.<sup>a</sup> Msc. Nirce Barbosa Castro Ferreira - Examinadora**

GENPEX/UnB

**BRASÍLIA/DF**

**2014**

Cruz, Karla Nascimento.

A Condição Feminina: Percepções de alfabetizados e alfabetizadas sobre as desigualdades de gênero na Educação de Jovens e Adultos/ Karla Nascimento Cruz. - Brasília: 2014.

101 f.

Orientadora: Maria Clarisse Vieira.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação – Universidade de Brasília, 2014.

1. Gênero, mulher e a Educação de Jovens e Adultos. 2. Estudos realizados na área de gênero e Educação de Jovens e Adultos.

KARLA NASCIMENTO CRUZ

**A CONDIÇÃO FEMININA: PERCEPÇÕES DE ALFABETIZANDOS E  
ALFABETIZANDAS SOBRE AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clarisse Vieira.

Data de aprovação:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clarisse Vieira – MTC/FE/UnB  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Miliane Nogueira Magalhães Benício - NEAL/CFORM/UnB  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Msc. Nirce Barbosa Castro Ferreira – GENPEX/UnB  
Examinadora

BRASÍLIA/DF

2014

Para minha querida família,  
ao meu pai Carlos Antônio da Silva Cruz,  
a minha mãe Katia Waléria Lopes do Nascimento Cruz  
e a minha irmã Camila Nascimento Cruz,  
eles que são meus maiores apoiadores e incentivadores.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela vida. Sou muito grata por Ele ter permitido que eu estudasse nessa grande instituição e por ter me dado forças para seguir adiante, dia após dia.

Sou eternamente grata a meus pais, Carlos Antônio da Silva Cruz e Katia Waléria Lopes do Nascimento Cruz. Eles que são exemplos para mim. Meu pai que desde o início me apoiou, incentivou e acreditou em mim. Minha mãe que tanto me ouviu, suportou, ajudou e acompanhou na resolução de diversos conflitos e burocracias. E minha eterna gratidão aos dois que sempre foram tão cuidadosos, que durante esses cinco anos de graduação me levaram, esperaram e buscaram na faculdade.

Sou grata também a minha irmã (e maior fã), Camila Nascimento Cruz, outra pessoa que também me suportou, acompanhou e acreditou.

A minha super orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra Maria Clarisse Vieira, que abriu portas incríveis para mim dentro da universidade. Muito obrigada por ter acreditado em mim, por sua enorme paciência e por todos os incentivos e orientações.

Gostaria de agradecer também aos meus amados avós, Jáfia Lopes do Nascimento e Walter Rodrigues do Nascimento, eles que são pessoas importantes para mim, que marcaram e vão continuar marcando minha trajetória, além de que eles sempre oraram por mim, o que foi e é muito importante, muito obrigada! Sou grata também a vovó Fia (Marcolina Pereira de Paula), a vó Maria das Dores Cruz Silva e ao vô Antonio Feitosa da Silva, eles que já não estão mais conosco e fazem uma enorme falta, mas que com certeza foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Meus agradecimentos também aos meus tios, Walter Rodrigues do Nascimento Júnior e Wanessa de Souza Aguiar Rodrigues e aos meus primos, Ana Karolyna Rodrigues Aguiar e Gabriel Rodrigues Aguiar, eles que são pessoas muito amadas e que sempre estiveram dispostos a me ajudar.

Agradeço a querida Erenir de Souza Aguiar, uma avó postiça, ela que desde minha infância acreditou muito em mim e sempre me incentivou. Ela que é uma grande pedagoga! Muito obrigada pelos conselhos e incentivos.

Muito obrigada aos queridos colegas, professores e professoras do GENPEX, os quais estiveram presentes em minha vida nesses últimos semestres, aprendi e cresci muito com esse grupo.

Meus sinceros agradecimentos aos alfabetizandos, as alfabetizadas e as alfabetizadoras da Escola Classe 01 do Paranoá, porque sem eles esse trabalho não existiria.

A querida Prof.<sup>a</sup> Msc. Miliane Nogueira Magalhães Benício que com sua paixão pela educação fez com que eu chegasse a Pedagogia.

A querida amiga Anna Flor, que é outra pessoa que me influenciou a ir para a Pedagogia, e com quem pude compartilhar sobre os diversos trabalhos, disciplinas, leituras e seminários.

Gostaria de agradecer as pessoas que convivi durante dois anos na Coordenação de Educação a Distância e Presencial do INSS, lá que foi a minha primeira experiência de estágio. Principalmente a Rosa Spinola, ela que abriu portas e me ajudou muito!

Agradeço também a diretora, professoras e os/as estudantes da Escola Classe da 312 Norte, pela a oportunidade de trabalhar e aprender com vocês, nessa escola tive experiências grandiosas.

Sou grata também às professoras coordenadoras e aos colegas do PIBID-Pedagogia, onde pude ouvir e compartilhar diversas experiências e vivências.

*Eu também queria uma escola  
que ensinasse a conviver, a cooperar,  
a respeitar, a esperar, a saber viver  
em comunidade, em união.*

*Que vocês aprendessem  
a transformar e criar.*

*Que lhes desse múltiplos meios de  
vocês expressarem cada sentimento,  
cada drama, cada emoção.*

*Ah! E antes que eu me esqueça:  
Deus que livre vocês  
de um professor incompetente.*

("Para Sara, Raquel, Lia e para todas as Crianças"  
Carlos Drummond de Andrade)



## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso buscou compreender como os alfabetizandos e as alfabetizandas da Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização percebem as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas. A construção do referencial teórico se deu a partir da conceituação de gênero e do campo da Educação de Jovens e Adultos. Por meio das autoras Scott (1995), Louro (2006 e 2008) e Carvalho (2011), fez-se uma exposição do histórico da educação da mulher na sociedade brasileira, abordando-se também questões sobre a Educação de Jovens e Adultos e sua diversidade. Para atingir os objetivos propostos foi realizada a observação-participante durante três semestres em três turmas de alfabetização (nos anos de 2013 e 2014) e um grupo focal em uma dessas turmas, utilizando-se o vídeo Vida Maria, dirigido por Márcio Ramos, no ano de 2006. O grupo focal e a observação-participante foram desenvolvidos em turmas do Programa DF Alfabetizado, no âmbito do CEDEP no Paranoá-DF. Os dados e as análises nos mostraram que os alfabetizandos e as alfabetizandas indicam diversos fatores que causam as desigualdades educacionais entre as mulheres. A maior questão foi relacionada à família, pois elas interromperam e retornaram aos estudos muitas vezes influenciadas pela família. Outra dificuldade que a mulher enfrenta é ter que lidar com as atividades domésticas. Ficou claro, a partir das análises, que mesmo com as conquistas que a mulher teve dentro da sociedade, ainda pesa muito o ser mulher, devido a diversas condições que a ela enfrenta.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização, Mulher e Gênero.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhos encontrados na ANPED-----	37
Tabela 2 - Trabalhos encontrados no <i>Google</i> -----	37
Tabela 3- Perfil participantes do Grupo Focal -----	52
Tabela 4 - Pessoas de 15 anos ou mais que frequentam cursos de EJA ou supletivo -----	62
Tabela 5 - Rendimento-hora médio das pessoas de 16 anos ou mais de idade ocupadas-----	62

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDEP - Centro de Cultura e Desenvolvimento Popular do Paranoá

CONFINTEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos

DF – Distrito Federal

EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAC SENAC – Faculdade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

FE – Faculdade de Educação

GDF – Governo do Distrito Federal

GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais

GT- Grupo de Trabalho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PAS – Programa de Avaliação Seriada

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PIBEX - Programa Institucional de Bolsas de Extensão

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNE - Plano Nacional de Educação

ProIC - Programa de Iniciação Científica

RA – Região Administrativa

SCIELO - *Scientific Electronic Library Online* (biblioteca eletrônica de periódicos científicos)

UnB – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

PARTE I .....	16
Memorial.....	16
PARTE II .....	22
Introdução .....	22
Capítulo 1 .....	24
1 Gênero, mulher e a Educação de Jovens e Adultos .....	24
1.1 Conceitos de Gênero .....	24
1.2 A educação da mulher na sociedade brasileira .....	28
1.3 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil .....	31
1.3.1 A diversidade no âmbito da Educação de Jovens e Adultos .....	32
1.3.2 Educação de Jovens e Adultos e a mulher no Brasil .....	33
Capítulo 2.....	36
2 Estudos realizados na área de gênero e Educação de Jovens e Adultos.....	36
Capítulo 3.....	42
3 Aspectos teóricos metodológicos.....	42
3.1 Objetivos .....	44
3.1.1 Objetivo geral.....	44
3.1.2 Objetivos específicos.....	45
3.2 Caracterização da área de estudo .....	45
3.3 Caracterização do espaço educacional.....	47
3.4 Caracterização dos/as participantes da pesquisa .....	47
3.5 Procedimentos usados para gerar os dados .....	48

3.5.1	Sobre o vídeo Vida Maria .....	51
Capítulo 4	.....	52
4	Análise e discussão dos dados .....	52
4.1	Causas de Interrupção .....	53
4.1.1	Casamento, gravidez e criação dos/as filhos/as .....	53
4.1.2	Proibição ou falta de incentivo dos pais/parentes .....	55
4.1.3	Dificuldade ou impossibilidade de ter acesso a escola .....	56
4.1.4	Necessidade ou obrigação de trabalhar .....	57
4.1.5	Desinteresse.....	58
4.2	Obstáculos que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos .....	59
4.3	Diferenças entre o homem e a mulher quando retorna aos estudos .....	60
4.4	Comentários sobre o vídeo Vida Maria: revelando o lugar da mulher na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização .....	63
4.5	Diferenças entre o homem e a mulher (após o vídeo) quando retorna aos estudos .....	65
4.6	Causas de retorno aos estudos.....	65
4.6.1	Incentivo à volta aos estudos.....	66
4.6.2	Exigências do trabalho .....	67
4.6.3	Vontade de aprender e melhorar a vida .....	67
4.6.4	Surgiu a oportunidade/fase tranquila .....	68
Considerações finais	.....	69
PARTE III	.....	73
Perspectivas de atuação profissional	.....	73
Referências	.....	74
Apêndices.....	.....	76

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso que está estruturado em três partes: Memorial Educativo, Monografia e Perspectivas de Atuação Profissional.

Na primeira parte, apresenta-se o Memorial Educativo, onde relato meu percurso escolar e acadêmico, o caminho que percorri para chegar ao tema da monografia. Detalho alguns momentos e experiências que foram e são muito importantes e que me trouxeram até aqui.

Na segunda parte apresento a Monografia, cujo tema “A condição feminina: Percepções de alfabetizandos e alfabetizandas sobre as desigualdades de gênero na Educação de Jovens e Adultos” busca compreender as percepções dos alfabetizandos e das alfabetizandas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o ser mulher na EJA, quais são as desigualdades que eles/as percebem e quais as implicações que têm. O estudo é composto por quatro capítulos: 1) Gênero, mulher e EJA; 2) Estudos realizados na área de gênero e EJA; 3) Aspectos Teóricos Metodológicos; 4) Análise e discussão dos dados.

Na terceira e última parte apresento minhas Perspectivas de Atuação Profissional.

## PARTE I

### MEMORIAL

Nasci em Goiânia em 1992 e morei lá até os seis anos de idade. Sou a filha mais velha, tenho uma irmã que é três anos e oito meses mais nova. Nasci e cresci em um lar cristão e atualmente moro com meus pais e minha irmã.

Quanto a minha vida acadêmica, comecei a estudar com quatro anos de idade, no Jardim II, na escola Princípio da Sabedoria, situada em Goiânia. E foi no Jardim II que comecei a ser alfabetizada. Fiquei nessa escola durante dois anos. Com seis anos de idade eu e minha família mudamos de cidade, fomos para Goianésia, interior de Goiás. Quando chegamos lá procuramos por uma escola. Em princípio fui matriculada em uma escola pública, mas após uma semana estávamos procurando outra escola, pois não me adaptei àquela escola. Assim fui para uma escola particular e fiquei nela por cinco anos, até a 5ª série (6º ano) do ensino fundamental. No ano de 2004 eu e minha família mudamos para Brasília, quando fui para 6ª série (7º ano), no colégio Mackenzie, onde estudei até o 3º ano do ensino médio.

Quando cheguei ao final do ensino médio não sabia o que queria fazer na faculdade, nem em qual faculdade fazer. Na escola não recebi orientação vocacional de um profissional. A pessoa responsável por essa parte era uma professora de Física, o que ela fazia era um cálculo, de quanto a gente precisava tirar na prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS) para passar em determinado curso. Acabei sendo bastante influenciada pela nota de corte para tomar minha decisão e, escolhi o curso de licenciatura em Computação. Mas a nota não foi o único fator, sempre gostei muito da área de tecnologia e por isso achei que iria gostar do curso. Mas o que eu esperava do curso era totalmente diferente da realidade. Não sabia que a base do curso era programar, eu nem sabia o que era programar.

No final do ano fiz a terceira etapa do PAS, fiz o vestibular da UnB para Engenharia da Computação e outro vestibular para a FAC SENAC para o curso Gestão da Tecnologia da Informação. O primeiro resultado que saiu foi o da FAC SENAC, onde fui aprovada. Meu pai ficou bem empolgado com o resultado, ainda



mais porque na época ele fazia uma especialização nessa instituição e estava gostando. Assim logo fizemos minha matrícula. No início de 2010 saiu o resultado do PAS, também fui aprovada. E logo em seguida saiu o do vestibular da UnB, nesse não fui aprovada, o que não me deixou muito abatida, devido aos outros resultados.

Era março de 2010 quando comecei minha trajetória na UnB, no curso de Licenciatura em Computação. Em princípio foi muito bom, mas no segundo semestre comecei a enxergar o curso de fato. Deparei-me com as disciplinas de Cálculo 1 e Computação Básica, disciplinas que foram bem complicadas para mim e que eram somente o começo do curso. Não me interessei pelo curso, assim fiquei nele cinco semestres. Nesses cinco semestres tentei seguir adiante com o curso, pois eu não queria deixar essa oportunidade de estar dentro de uma universidade federal.

No meu quinto semestre na Computação fiz uma disciplina optativa chamada Processo de Alfabetização, disciplina que me trouxe a Pedagogia! A professora da disciplina (Prof.<sup>a</sup> Msc. Miliane Nogueira Magalhães Benício) dava as aulas com muita paixão e com muito gosto. Ela e os colegas de turma compartilharam algumas experiências e vivências sobre a sala de aula que me deixaram encantadíssima. Eu saía daquelas aulas pensando: “é isso que eu quero pra minha vida, é isso que eu quero vivenciar, eu também quero contar experiências minhas assim para as pessoas”.

Pedi transferência interna em 1º/2012, preenchi os formulários e aguardei. Algum tempo depois saiu o resultado e eu tinha sido aceita na Pedagogia. Comecei o curso no 2º/2012, não comecei do zero, tive aproveitamento de 60 créditos e por este motivo perdi algumas coisas de início de curso, como a apresentação do curso e de seu currículo. O que me fez muita falta, pois fiquei bem perdida em relação aos Projetos e sua obrigatoriedade, eu não entendia qual a diferença entre eles, qual o objetivo e a necessidade de cada um.

Quando soube da obrigatoriedade dos Projetos estava no início do segundo semestre (1º/2013), eu não sabia exatamente qual caminho queria seguir, assim passei algum tempo pesquisando por um projeto que me interessasse. Acabei decidindo por um Projeto que tratava sobre a formação de professores, mas naquele semestre as duas professoras coordenadoras tiveram que tirar licença, assim eu não

pude me matricular. Dessa forma precisei ir atrás de outro Projeto, e o mais rápido possível, porque o período de matrícula estava quase encerrando. Acabei me matriculando em um Projeto que abordava questões do cinema, infância e diversidade. Minha experiência nesse Projeto (3-1) não foi muito boa, pois ele se baseava em assistir filmes, fazer fichamentos e ao final do semestre juntávamos os fichamentos e montávamos um artigo. Essa experiência contribuiu pouco com minha formação, pois eu não tinha o menor interesse nessa área.

Nesse tempo que estive na Pedagogia vivenciei os mais diversos sentimentos e experiências pelas disciplinas que passei. Sobre a questão de disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, senti que algumas disciplinas que são indispensáveis, de extrema importância, estavam na categoria de optativas, e ao mesmo tempo outras que são obrigatórias não foram tão importantes. Passei por diferentes perfis de professores/as, professores/as que demonstravam uma enorme paixão pelo que faziam e outros que nem tanto, professores/as que dominavam o conteúdo e outros que não desgrudavam de livros e *slides*, professores/as que nos davam voz e outras aulas onde só se ouvia a voz deles/as.

Durante o meu percurso na UnB participei do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), do Programa de Iniciação Científica (ProIC) e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Projetos que de formas diferentes me trouxeram até aqui. O projeto de extensão foi na época da Computação, chamava Meninas na Computação, um projeto que buscava despertar o interesse nas meninas que estavam no ensino médio pela área/course de Computação, pois esse é um curso composto, em sua maioria, por homens, além de que muitas das mulheres que iniciam acabam desistindo do curso (como eu!). Participei desse projeto durante oito meses, nesse período participei da Semana Universitária, Semana Nacional de Ciências e Tecnologia, visitei escolas e apliquei questionários.

Algum tempo depois, já na Pedagogia, fiz o projeto de iniciação científica, no qual se deu o nascimento deste trabalho. Junto com a Prof.<sup>a</sup> Dra Maria Clarisse Vieira comecei a ler e pesquisar sobre a mulher na Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente participo do PIBID, o que a meu ver, veio para me dar plena convicção de que estou no curso certo. Trabalho em uma turma do 5º ano de uma escola pública, onde acompanho um estudante com síndrome de *down* e uma estudante com deficiência intelectual e física, e tenho me interessado bastante por essa área da educação especial.

Um fato interessante é quando fui para a Pedagogia eu tinha duas certezas: 1º) não queria trabalhar com EJA; 2º) não queria trabalhar com ensino especial. Minha pesquisa e estágio obrigatório foram na EJA e meu PIBID com ensino especial! Duas áreas que achei que nunca me interessariam, mas que hoje me interesse e gosto bastante de trabalhar com elas.

No 1º/2013 me matriculei na disciplina optativa Educação de Adultos, devido a um projeto que fazia parte. Esse projeto era realizado por pessoas da minha igreja, o trabalho era com adultos/as que residiam no Varjão e ensinávamos o básico da informática a eles/as. Como nunca havia trabalhado com adultos/as anteriormente, me interessei pela disciplina, pois achava que ela poderia me preparar para trabalhar com esse projeto. A disciplina era com a Prof.<sup>a</sup> Maria Clarisse. Durante a disciplina ela trouxe vários relatos sobre o GENPEX (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais), grupo que estava sendo coordenado pela própria professora em função da licença capacitação do Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis. Em uma das aulas a professora abordou os Projetos 3 e 4 que aconteciam no Paranoá com alfabetização de jovens e adultos, sobre algumas práticas e conceitos desse grupo. O que vivenciei naquela disciplina foi despertando minha atenção e interesse por essa área da EJA. O que mais me marcou foi quando a professora falou que nessa área da EJA existem poucas pesquisas e estudos, se comparado assim às demais áreas.

Nesse mesmo semestre fiz a disciplina Pesquisa em Educação 1, a qual tinha como trabalho final a elaboração de um projeto de pesquisa, em uma área que interessasse o/a estudante, e que talvez já fosse o projeto de pesquisa da monografia. No momento de decidir o tema me lembrei da fala da professora Clarisse, sobre existir poucas pesquisas sobre a EJA e concluí que queria fazer esse projeto da disciplina com algo relacionado a EJA. Conversei com a professora

Clarisse para que ela me orientasse na definição de um tema na área, ela me ajudou e chegamos ao tema da mulher na EJA.

Nesse mesmo período estavam abertas as inscrições para o ProIC e a professora Clarisse me chamou para submetermos um projeto de pesquisa, que aceitei. O projeto enviado foi o mesmo que estava desenvolvendo na disciplina Pesquisa em Educação 1. Ao final do semestre conseguimos a aprovação do projeto e em seguida começamos a pesquisa, que tinha como objetivo geral compreender como a diversidade de gênero se expressa na vida dos sujeitos da EJA e afeta suas possibilidades de retorno/permanência no contexto escolar. A pesquisa se debruçou em investigar o que é ser mulher na EJA; o que leva essas mulheres, a buscar, tardiamente essa educação; e quais os desafios que enfrentam para permanecer estudando.

Pelo fato de o tema ser sobre a EJA, minha pesquisa seria em uma sala de aula de jovens e adultos. Foi quando pensei na possibilidade de fazer meus Projetos 3-2 e 4.1-2 no Paranoá com o GENPEX, o mesmo grupo que a professora Clarisse abordou durante as aulas de Educação de Adultos. Assim eu faria minha pesquisa e ao mesmo tempo os Projetos obrigatórios. Conversei com a professora e ela concordou. No semestre seguinte fiz o Projeto 3-2 e minha pesquisa, a qual se baseou em observações-participantes, Diário de Bordo e entrevistas semiestruturadas. Depois desse momento de coleta fiz a análise dos dados e concluí o trabalho. Fiz minhas observações em uma turma de alfabetização, a qual os alfabetizandos e as alfabetizandas em sua maioria vieram do nordeste brasileiro e todos já estavam em sua idade adulta. Além das observações realizei uma entrevista com duas alfabetizandas. No final do 1º/2014 submetemos o trabalho, cujos resultados revelaram que questões como trabalho e gravidez impediram o estudo na juventude e as causas de retorno aos estudos estão relacionadas às exigências do trabalho ou a família. Além de que as entrevistadas não se percebiam imersas nessas questões de gênero.

E foi a partir daí que surgiu esse trabalho de conclusão de curso, que é uma continuidade do trabalho da iniciação científica, 'O ser mulher na Educação de Jovens e Adultos: desafios e experiências' que desenvolvi juntamente com a

professora Clarisse. Eu quis dar continuidade ao trabalho e a convidei para ser minha orientadora do Projeto 5 e ela aceitou prontamente. Nesse semestre fiz também o Projeto 4-2, o que me ajudou bastante no desenvolvimento desse trabalho.

## PARTE II

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem sua origem em pesquisa realizada em um Programa de Iniciação Científica (ProIC) da Universidade de Brasília (UnB) nos anos de 2013 e 2014. Essa pesquisa de iniciação científica teve como objetivo central investigar a temática do ser mulher na Educação de Jovens e Adultos (EJA), evidenciando os desafios de se manter estudando e as causas de interrupção e retorno aos estudos na vida de mulheres adultas de camada popular. A qual foi desenvolvida em uma turma de alfabetização do DF Alfabetizado, um programa do Governo do Distrito Federal (GDF), situada no Paranoá/DF. A turma era composta inicialmente por 14 alfabetizandos e alfabetizandas, mas com o decorrer do semestre houve diversas desistências, devido a diversas razões. A imersão nessa turma se deu devido aos Projetos 3 e 4 do curso de Pedagogia (FE-UnB). Nessa turma foram realizadas observações-participante e entrevistas.

Esse estudo busca articular duas áreas: Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização e gênero. Para isso buscamos a contribuição de autoras no campo do gênero: Scott (1995), Carvalho (2011) e Louro (2006 e 2008) entre outros e do campo da EJA. Este estudo tem como objetivo geral compreender como a condição feminina é percebida entre os alfabetizandos e as alfabetizandas da Educação de Jovens e Adultos, isto é, como os próprios sujeitos envolvidos em processos de desigualdade social nomeiam, classificam e compreendem os elementos que produziram essa desigualdade. Partindo do pressuposto de que a EJA numa perspectiva libertadora, busca além do ensinar a ler, escrever e calcular, contribuir com a solução de problemas e desafios da comunidade. Questionamos como as questões relacionadas à condição feminina na EJA pode ser um elemento que possibilite a compreensão de direitos humanos e sociais, potencializando a transformação de condições opressivas em que os sujeitos se encontram.

A pesquisa dessa monografia que foi realizada em uma turma do DF Alfabetizado, programa do GDF que é desenvolvido em parceria com o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (CEDEP). Foram realizadas observações-

participantes e um grupo focal, no qual foram discutidas questões sobre a mulher, tendo como base o vídeo *Vida Maria*. O grupo focal teve buscado ouvir as vozes dos alfabetizandos e das alfabetizandas sobre as desigualdades educacionais enfrentadas pela mulher da Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização. Os alfabetizandos e as alfabetizandas se identificaram com o vídeo, pois a maioria veio do nordeste e vivenciaram questões semelhantes a da personagem Maria José.

O trabalho está estruturado da seguinte forma, o primeiro capítulo aborda questões de gênero, da mulher e da Educação de Jovens e Adultos. Para isso, analisa como a categoria gênero pode contribuir para deslindar a história da educação da mulher na sociedade brasileira, e, sobretudo no âmbito da EJA no Brasil.

No segundo capítulo discute-se os resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada em periódicos da área de educação nos últimos cinco anos, pesquisa que foi realizada na revista no GT 18 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e no *Google* em geral, em torno da relação gênero, mulher e Educação de Jovens e Adultos. É importante ressaltar que no levantamento bibliográfico que realizamos, a maioria dos trabalhos encontrados não estavam em periódicos A ou B da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mas em periódicos regionais.

O terceiro capítulo trata sobre os aspectos teóricos metodológicos, o qual apresenta os sujeitos da pesquisa, onde a pesquisa foi realizada e como foi realizada. E no quarto e último capítulo são discutidos e analisados os dados produzidos nessa pesquisa. E por fim, são apresentadas as considerações finais, os referenciais, os apêndices e os anexos.

## CAPÍTULO 1

### 1 GÊNERO, MULHER E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

#### 1.1 Conceitos de Gênero

Já iniciando a discussão que envolve nosso objeto de estudo, consideramos pertinente discutir o conceito de gênero, cuja definição poderá variar conforme os autores e diferentes enfoques teóricos, uma vez que o foco da pesquisa é a mulher na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização. O conceito gênero é, pois, um conceito que envolve polêmicas e controvérsias.

Segundo Carvalho (2011) esse termo foi inicialmente utilizado por autores/as da língua inglesa. Ele era utilizado na gramática para designar palavras femininas, masculinas ou neutras. A partir da gramática (SCOTT, 1995, p. 72) é possível compreender o gênero como uma maneira “de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes”. O termo gênero utilizado entre as feministas, fez sua aparição inicial de forma a enfatizar “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Dessa forma, gênero enfatizava da mesma forma “o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade”.

Mesmo com as diversas diferenças, todos os significados modernos de gênero (HARAWAY, 2004 *apud* CARVALHO, 2011, p. 101) partem da observação de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher” e das condições sociais após a guerra, que possibilitou a “construção das mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo”. A ideia de gênero (CARVALHO, 2011) vem do entendimento de que de que o sexo é uma base natural e a partir daí são construídas diferentes concepções do que seja uma mulher ou um homem, o que são as características individuais de gênero, ressaltando que essa é uma construção cultural.

Até as décadas de 1970-80 (*idem*, p. 102), gênero era um conceito que se somava ao sexo, sendo associado ao comportamento e ao caráter, e, o sexo se restringia a biologia. Embora essa visão ainda seja presente, na década de 1980, para as feministas, o gênero passou a ser visto como o modo social de se compreender as diferenças e semelhanças entre homem e mulher, as quais



“determinam as maneiras como o corpo é apreendido, abandonando-se completamente a ideia de uma base natural fixa sobre a qual agiria a cultura”.

Scott (1995) quando fala dos anos 80 traz alguns aspectos sobre o termo gênero,

o termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. [...] Além disso, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas. [...] Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais”- a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. [...] “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (idem, p.75).

Pelo o fato do gênero tratar de uma relação social (CARVALHO, 2011), a qual é constituída por meio da percepção de uma diferença biológica, esse conceito é diversas vezes deixado de lado na área da história. Scott (1995) afirma que as teorias fundamentadas pelos historiadores em busca de definir o gênero ficaram restritas aos quadros de referência tradicionais das ciências sociais, baseadas e explicadas em causais universais, o que segundo ela, teve um caráter limitado nos melhores casos.

Scott traz a seguinte definição de gênero,

minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (SCOTT, 1995, p. 86).

Dessa forma para Scott o gênero não descreve relações entre homens e mulheres (CARVALHO, 2011), mas é uma forma de categorizar significados e símbolos que são construídos a partir da diferença sexual, esses significados são

usados para a compreensão de todo o universo observado, o que inclui as relações sociais, principalmente relações entre homens e mulheres. Ou seja, para ela o gênero é constituído a partir das relações sociais, relações que são construídas em determinada sociedade, em meio à determinada cultura, o que dialoga com a definição de Louro (2008),

gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. [...] O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas (idem, p. 22).

Para ela, não são as características sexuais que vão constituir o que é feminino ou masculino, mas é a forma como essas características são valorizadas ou representadas, levando em consideração determinada sociedade em um determinado momento histórico. "Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos" (LOURO, 2008, p. 21).

Os gêneros são constituídos no âmbito das relações sociais (idem, p. 24). A concepção de gênero baseando-se em definições de papéis é muito simplista, "ainda que utilizada por muitos/as essa concepção pode se mostrar redutora". Assim Louro afirma que a pretensão é compreender o gênero como uma constituinte da identidade dos sujeitos. "Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o" (ibidem, p. 25). Levando em consideração essa perspectiva, as diversas instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, ao mesmo tempo em que são constituintes dos gêneros.

Essa definição de papéis (SILVA, 2012) separa os espaços dos homens e das mulheres dentro da sociedade, o que se torna natural, partindo de um discurso que tem como objetivo trazer validação a essas características como sendo naturais, como se isso estivesse na essência da cada um. No contexto histórico do final do século XIX (FRANÇA, CEZAR e FELIPE, 2007, p. 9) os papéis que eram atribuídos eram opostos, pois "os homens deveriam ser agressivos, fortes e independentes, enquanto as mulheres tinham por obrigação serem dóceis, sensíveis e submissas".

Por esta ideologização de papéis também seria consequência natural que ao homem fossem atribuídas as funções decisivas e públicas da organização social e à mulher as tarefas menores e interiorizadas. Ainda como corolário, destas imagens, os homens estariam mais destinados às atividades científicas, e as mulheres às artísticas; isto numa sociedade em que as primeiras são mais valorizadas (LOURO, 1986, *apud* FRANÇA, CEZAR e FELIPE, 2007, p.10).

Dentro dessas constituições de papéis, a figura da mulher sempre esteve relacionada à questão da maternidade e do cuidar, dessa forma o magistério (SILVA, 2012) foi adotado como uma função feminina,

sendo o objetivo inicial do magistério a formação dos professores e professoras para ministrar aulas a meninas e meninos, e de modo especial para que, por meio da educação, as meninas assumissem a maternidade e o casamento, este que irá se transformar, paralelamente, em instrumento para que as mulheres tivessem acesso ao mercado de trabalho, pois ser professora era a profissão aceitável à mulher perante a sociedade brasileira (*idem*, p.32).

Para se tornar professora (SILVA, 2012, p. 36) era necessário cumprir alguns requisitos, como ser recatada, submissa e honesta. “A naturalização do magistério, como vocação da mulher foi o mecanismo utilizado para que as mulheres escolhessem profissões menos valorizadas socialmente acreditando ser sua vocação”. Dessa forma o magistério tornou-se uma profissão feminina, o que ainda perpetua atualmente (OLIVEIRA, 2011 *apud* SILVA, 2012), o que pode ser verificado levando em consideração a frequência feminina predominante dos cursos de formação de Pedagogia.

Esse histórico e conceitos interferiram e influenciaram diretamente sobre a história da mulher e sobre sua educação, e ainda têm essa relação.

Não parece ser possível compreender a história de como as mulheres ocuparam as salas de aula sem notar que essa foi uma história que se deu também no terreno das relações de gênero: as representações do masculino e do feminino, os lugares sociais previstos para cada um deles são integrantes do processo histórico. Gênero, entendido como uma *construção social*, e articulado à classe, etnia, religião, idade, determinou (e determina) algumas posições de sujeito que as mulheres professoras ocuparam (e ocupam). Discursos carregados de sentido sobre os gêneros explicaram (e explicam) como mulheres e homens se constituíram (e constituem) suas subjetividades, e é também no interior e em

referência a tais discursos que elas e eles constroem suas práticas sociais, assumindo, transformando ou rejeitando as representações que lhes são propostas (LOURO, 2006, p. 478).

O que a mulher vivencia e enfrenta hoje é decorrente de tudo isso. Na próxima sessão apresentaremos um pouco do histórico da educação da mulher dentro da sociedade brasileira.

## **1.2 A educação da mulher na sociedade brasileira**

Segundo Bastos (2011) a sociedade brasileira tem como núcleo de referência, o homem branco, heterossexual e pertencente da classe média, mostrando seu caráter heteronormativo. Aqueles sujeitos que não se enquadram dentro desse padrão estabelecido são muitas vezes alvos de preconceitos e discriminações. Esse preconceito também está diluído dentro das instituições, em escolas e no processo educacional.

Na sociedade brasileira, a condição da mulher é de inferioridade em relação ao homem, mesmo após diversas tentativas, lutas e conquistas, essa é uma realidade atual. Situação que decorre da falta de oportunidades para que a mulher se afirme útil. Assim, ela sofre as mais diversas discriminações como: econômica e educacional, fato que tem ocorrido durante todo o processo histórico brasileiro.

Durante o período colonial a mulher não tinha acesso à escola. A ela cabia aprender as tarefas específicas à sua condição de gênero como bordar, costurar, ser boa mãe e esposa, realidade que prevaleceu até o século XIX.

No ano de 1827 se estabeleceram as escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos que eram mais povoados do Império. Assim havia escolas (LOURO, 2006) para meninos e meninas, com predominância para os do sexo masculino. Essas escolas eram fundadas por congregações e ordens religiosas. A partir daí a mulher passou a ter direito à educação.

Começou a frequentar escola de primeiras letras em espaços separados dos homens. Às mulheres cabia apenas ensinar-lhes a ler, a escrever e a contar, além de ter, no seu currículo, disciplinas obrigatórias como o bordado, a costura e bons modos (FERREIRA, 2005, p. 75).

As mulheres que vinham de grupos sociais privilegiados (LOURO, 2006) tinham acesso também ao ensino de francês e piano. O ensino de bordados, rendas, costura, culinária, habilidades de mando das criadas e serviçais, tinham também o objetivo de torná-las uma companhia agradável e uma mulher capaz de representar socialmente seu marido. Ou seja, tudo visava prepará-las para o bom domínio da casa ou lar.

Devido à resistência por parte da sociedade, havia a distinção na escolarização de mulheres e homens, pois para a sociedade a mulher tinha uma função que não poderia ultrapassar os limites do lar. Muito se discursava sobre que a mulher deveria ser mais educada do que instruída, pois para elas era suficiente uma formação de caráter, acreditavam que não existiam razões para preencher a cabeça de uma mulher com conhecimentos, dado que seu destino exigia apenas “uma moral sólida e bons princípios” (LOURO, 2006, p. 446).

A educação das mulheres no Brasil no princípio do século XIX tinha muito em comum com a educação europeia, a qual desprezava a educação da mulher, que era voltada para a formação do caráter, enquanto a educação dos homens tinha como objetivo desenvolver o intelecto. “O propósito principal da educação da mulher era conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade” (BASTOS, 2011, p. 30).

Ao final do século XIX surgiram questões evidenciando a necessidade de educação para a mulher (LOURO, 2006, p. 447), o que estava ligado “à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens”.

Em meados do século XIX surgiram as primeiras Escolas Normais no Brasil, com vista à formação de professores/as. Escolas que estavam abertas a ambos os sexos, desde que as aulas fossem em classes separadas. As mulheres passaram a ter acesso às escolas de formação de professores/as, o que foi um avanço para as relações sociais entre homem e mulher. Essas escolas proporcionavam uma continuidade aos estudos iniciados nas escolas de primeiras letras e também representava uma forma de constituir um meio de inserção na vida pública.

Ressaltamos que essa era uma realidade, em sua maioria, de mulheres brancas e ricas. As mulheres brancas e pobres muitas vezes entravam no mundo da prostituição, em busca de dinheiro ou se casavam com homens também pobres e assim não tinham acesso à educação formal. As mulheres negras também se envolviam com a prostituição ou eram escravas e, portanto, “não tinha acesso a escolas e nenhuma educação, mesmo que informalmente” (BASTOS, 2011, p. 29).

As escolas normais estavam formando professores/as para atender a crescente demanda escolar. Portanto, esse objetivo não foi atingido como se esperava (LOURO, 2006), pois cada vez mais os relatórios mostravam que estavam formando mais mulheres do que homens. O que aconteceu em diversas regiões do Brasil. Aos poucos os homens deixavam as salas de aula, o que deu origem a feminização do magistério.

O magistério é em todos os países do mundo uma função feminina; no Brasil, as últimas cifras publicadas avaliam a cooperação das mulheres em quase 70% do total de funcionários encarregados do ensino. Particularmente em São Paulo, há uma crise de homens no magistério público. [...] Formaram-se, em 1881, nove homens e uma mulher, em 1882, nove mulheres e onze homens. [...] Daí por diante, desde 1888, o número de senhoras formadas normalistas foi gradativamente crescendo, a ponto de nos últimos dez anos ser quase o triplo. (FILHO, 1921 *apud* LOURO, 2006, p. 452).

Como o destino das mulheres era a maternidade, passaram a assimilar o magistério como uma extensão ou continuidade da maternidade, sendo os/as estudantes vistos/as como filhos/as espirituais. Esse que era um trabalho aceito somente para as moças solteiras até o momento do casamento.

A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes. [...] O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a *verdadeira carreira* feminina (LOURO, 2006, p. 454).

Além de que era considerado um trabalho ideal para a mulher (LOURO, 2006), pois consistia em um turno apenas, sendo que no outro período ela poderia atender suas obrigações domésticas.

Assim, as escolas normais se tornaram escolas de mulheres, o magistério primário se tornou claramente um lugar da mulher. Além de que esse era o ponto

mais alto de estudo que elas poderiam alcançar. As que frequentavam esses cursos tinham diversas origens sociais (LOURO, 2006), ou seja, não é possível caracterizá-las de forma global.

A realidade educacional do país mudou bastante. Atualmente, as mulheres ocupam mais espaço nas escolas e em cursos superiores do que há algumas décadas. Segundo dados do IBGE (Síntese de Indicadores Sociais 2004) as mulheres já são maioria nas turmas do último ano do ensino médio, de cursos superiores e na pós-graduação. Esse aumento da escolaridade (BASTOS, 2011) foi uma conquista das mulheres que ocorreu durante o século XX.

A despeito dos avanços, há um número significativo de mulheres que ainda hoje tem dificuldades de ter acesso à escola ou dar continuidade aos estudos, essas dificuldades são: gravidez precoce, casamentos, dupla jornada (emprego e trabalho doméstico), cuidado e educação dos filhos, proibição dos pais ou maridos. Para estas, a EJA coloca-se como a alternativa mais adequada para o resgate desse direito.

### **1.3 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica, a qual tem como público jovens, adultos/as e idosos/as que não concluíram ou tiveram acesso aos estudos no ensino fundamental e médio durante a infância e adolescência. Para ingressar na EJA é preciso ter a idade mínima de quinze anos para o ensino fundamental e dezoito anos para o ensino médio. Ela é ofertada por meio de cursos presenciais e a distância.

A EJA é dividida por etapas e não por anos, essas etapas têm duração de um semestre ou 100 dias letivos. Ela é estruturada em três seguimentos, os quais correspondem em questão de currículo, aos períodos do ensino regular. Sendo o primeiro segmento o que corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental, 1º ano ao 5º ano, tem como carga horária 1.600 horas e a duração de quatro semestres; o segundo segmento é equivalente aos anos finais do ensino fundamental, 6º ano ao 9º ano, com carga horária de 1.600 horas e duração de quatro semestres; e o terceiro segmento corresponde ao ensino médio, tem a duração de três semestres e a carga horária é de 1.200 horas.

### **1.3.1 A diversidade no âmbito da Educação de Jovens e Adultos**

O público que frequenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é marcado por sua heterogeneidade, ou seja, é constituído por grupos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora. A EJA atende os mais diversos perfis de estudantes: adolescentes, adultos/as, idosos/as, trabalhadores/as, desempregados/as, pessoas que vieram da zona rural, pessoas que vieram de periferias, e muito mais. São pessoas que não tiveram o acesso e/ou permanência na escola, na idade apropriada e retornam em busca do resgate desse direito.

O/a adulto/a para a EJA, é, geralmente, aquele/a que chega às grandes cidades à procura de melhoria nas condições de vida vindos de áreas rurais, ou ainda das regiões menos desenvolvidas do país para as grandes metrópoles, que têm menor condição financeira, que muitas vezes vivem na linha da pobreza e miséria(SILVA, 2006, p. 1).

Ou seja, uma grande parcela dessas pessoas, são trabalhadores/as buscando melhores oportunidades e condições de vida.

Além de ser caracterizada pelas múltiplas identidades de quem já “viveu um pouco mais de tempo”, a EJA também é permeada pela diversidade, ou seja:

A EJA é marcada pela multiplicidade de situações relativas às questões étnico-racial, de gênero, de aspectos culturais e regionais e geográficos; de orientação sexual; de privação da liberdade; e de condições mentais, físicas e psíquicas — entendida, portanto, nas diferentes formas de produção da existência, sob os aspectos econômico e cultural (BRASIL, 2009, p. 28).

De acordo com Arroyo (2005, p. 18) o problema da diversidade “é um tema posto na nossa sociedade com especial destaque em décadas recentes. Diversidade de gênero, de raça, de território [...] Diversidade que se converteu em diferenças e em desigualdades”.

Diante da diversidade que a caracteriza, a EJA precisa adotar propostas pedagógicas mais flexíveis, para que possa atender a cada um desses perfis. No tópico a seguir, discutiremos como a desigualdade de gênero atrelada às diferentes condições sociais, econômicas e educacionais afetam a condição feminina na EJA.



### **1.3.2 Educação de Jovens e Adultos e a mulher no Brasil**

A diversidade encontrada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) comporta também questões de gênero. Uma pesquisa (O estudo “Aspectos Complementares da Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional”) realizada pelo IBGE, divulgada em 2009, constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Essas mulheres possuem os mais variados perfis: diversas idades, origens e histórias de vida. São elas: mães, solteiras, avós, viúvas, casadas, trabalhadoras, responsáveis pelo lar, desempregadas, e daí por diante. Mas todas possuem algo em comum: o desejo de aprender, de estudar, mesmo com todos os desafios à frente.”

Dos 867 milhões de adultos analfabetos no mundo, 550 milhões são mulheres, segundo números divulgados pela ONG intervida por ocasião do Dia Internacional da Mulher. O analfabetismo nas mulheres é um dos fatores que causam sua dependência em relação ao homem, e a capacitação é, sem dúvida, uma peça fundamental para que as mulheres sejam independentes e sintam a plenitude dos seus direitos (PORTAL SÃO CAMILO, 2009, p.1 *apud* REIS, 2009, p. 3).

A mulher tem um histórico de lutas, preconceitos e conquistas. Atualmente tem conquistado um espaço cada vez maior dentro da sociedade, nas escolas e no mercado de trabalho. Mas ainda existem muitos problemas e desafios a serem vencidos.

Do ponto de vista legal a igualdade das mulheres aos homens já foi conquistada. A mudança tem de ocorrer nos costumes, nos valores e nas práticas discriminativas e, neste processo, as instituições formais e informais de educação têm papel fundamental, especialmente aquelas destinadas a crianças e jovens que estão formulando os pré-conceitos e os conceitos a respeito do mundo, da vida, das coisas e das pessoas que os cercam (OLIVEIRA, 1998, p.129 *apud* REIS, 2009, p.3-4).

No documento Base Nacional (BRASIL, 2009) trata-se de um documento preparatório a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA) que ocorreu no Brasil em 2009, consta que no ano de 2006 a taxa de analfabetismo para os homens entre 15 anos ou mais era de 10,6% e a das mulheres de mesma idade era 10,1%. Se tratando somente de jovens entre 15 e 24 anos, a taxa de analfabetismo das mulheres era 1,6% e dos homens 3,2%. A taxa entre pessoas

idosas é um pouco diferente, 24% das mulheres e 21,7% dos homens. Esses dados revelam que as jovens de hoje possuem maior escolaridade do que os homens. O que era diferente há algumas décadas atrás, conforme explica Ferreira (2005) ao esclarecer que

esse fenômeno partindo da hipótese de que o fato de as mulheres constituírem a maioria do alunado [...] seja fruto da socialização feminina, que, devido à exigência de obediência, passividade ou protecionismo, facilita a adaptação e persistência das mulheres no sistema institucional no qual está inserida a escola (idem, p. 77).

De alguns anos pra cá a busca pela EJA tem aumentado, mas da mesma forma que cresceu essa busca, os números referente à evasão também têm aumentado. De acordo com Ferreira (2005), alguns dos fatores causadores da evasão de mulheres jovens e adultas da escola estão em sua maioria relacionados às responsabilidades familiares ou a subordinação a seus maridos e ainda a questões ligadas à segurança física (iluminação, transporte, serviços de segurança).

Esta problemática é bem visível uma vez que na nossa sociedade a mulher ainda é alvo de discriminação por parte do seu companheiro e que muitos deles não cuidam dos filhos estimulando a mulher a desistir da escola, o que acaba acontecendo na maioria das vezes (REIS, 2009, p. 3).

Quando retorna a sala de aula, a mulher enfrenta os mais diversos desafios para se matricular e permanecer em um curso de EJA. Significa superar a timidez, a questão de que mesmo mais velha é possível aprender, de que lugar de mulher é em casa e conviver com diferentes gerações (FERREIRA, 2005). Portanto,

essa volta responde a um desejo acalentado ao longo de anos, desejo de concluir uma formação escolar abandonada por razões, sobretudo, de ordem familiar. Muitos fatores concorrem para o afastamento da mulher da escola, a saber: impedição de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente, para contribuir com o sustento do grupo familiar; quando não, a própria constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico. Assim, mais tarde, com os filhos e mesmo, por vezes, os netos criados, viúvas, separadas, aposentadas, enfim, superada a etapa anterior totalmente ou em parte, de cuidar do outro, podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola (BASTOS, 2011, p. 43).

Com base nesses aspectos, é proposto neste estudo a reflexão sobre algumas das especificidades que compõem a realidade dessa modalidade de ensino, em especial, a questão de gênero.

## CAPÍTULO 2

### 2 ESTUDOS REALIZADOS NA ÁREA DE GÊNERO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo compreender como os alfabetizados e alfabetizadas da Educação de Jovens e Adultos percebem as desigualdades educacionais da mulher na EJA: Alfabetização, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema em artigos ligados à área de educação, publicados em periódicos nacionais e regionais nos últimos cinco anos. Para esse levantamento utilizou-se as seguintes palavras-chave: mulher, EJA e gênero. Foram encontrados sete artigos, o que nos mostra como essa questão tem sido pouco pesquisada.

As pesquisas foram realizadas em periódicos da SCIELO (*Scientific Electronic Library Online* – biblioteca eletrônica de periódicos científicos), nas publicações do Grupo de Trabalho 18 da ANPED e no *Google* em geral.

As pesquisas feitas na SCIELO foram nas revistas: Cadernos de Pesquisa, Ciência e Educação, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Educação em Revista, Educação e Pesquisa e Revista Brasileira de Educação. Mas ao final não foi encontrado nenhuma publicação que abordasse a mulher na EJA. Foram encontrados trabalhos somente sobre a EJA ou somente sobre a mulher.

Na ANPED foram pesquisados trabalhos desde a 31<sup>o</sup> reunião, realizada em 2008. E foram encontrados quatro trabalhos que diziam respeito a mulher na EJA, são eles:

Tabela 1 - Trabalhos encontrados na ANPED

Autor	Título
Vera Lúcia Nogueira	Mulheres adultas das camadas populares: A especificidade da condição feminina no processo da busca de escolarização
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca	Relações de gênero, práticas de cuidado e educação de pessoas jovens e adultas
Aurea da Silva Pereira	A construção social das mulheres de Saquinho: Narrativas e cenas de pesquisa: D. Amélia e as memórias de escola
Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, Cristina Salles Caetano e Sabrina Ferreira Rosa	Educação de mulheres em situação de aprisionamento: Reflexões sobre o perfil social e o direito à educação

Fonte: site da ANPED.

Na pesquisa realizada no *Google* foram encontrados três trabalhos:

Tabela 2 - Trabalhos encontrados no *Google*

Autor	Título
Ludimila Corrêa Bastos	Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA
Marlise Rieger e Ivone de Jesus Alexandre	Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola
Martha Giudice Narvaz, Sita Mara Lopes Sant'Anna e Fani Averbuh Tesseler	Gênero e Educação de Jovens e Adultos: A histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder

Fonte: *Google*.

O artigo de Nogueira (2002) teve como objetivo compreender de que forma as determinações sociais de gênero interferem na busca de escolarização de mulheres das camadas populares, matriculadas na EJA. Buscou também identificar as formas de permanência escolar elaboradas por elas durante o processo de alfabetização. Para atingir esses objetivos reconstituiu-se a trajetória de vida de seis estudantes, colocando em destaque os principais desafios enfrentados por elas no contexto familiar, de trabalho e escolar. Ao final da pesquisa verificou-se que o que tem dificultado a permanência na escola são fatores que advêm da relação desigual

entre os sexos. As limitações estão vinculadas à relação familiar, principalmente ao cônjuge e em relação às atividades de trabalho. Sobre a

busca de escolarização, não revelaram uma intenção de alterar a configuração das atribuições de gênero. Demonstraram mais uma preocupação em obter autonomia na realização das atividades diárias que exigem leitura, visando acabar com os constrangimentos e a dependência de outra pessoa, do que romper com a relação de dominação/exploração/submissão (NOGUEIRA, 2002, p. 5).

O artigo de Souza e Fonseca (2008) dá um enfoque em mulheres catadoras de materiais recicláveis de uma associação e propõe investigar como se configuram as relações de gênero dessas mulheres e como essas questões refletem na vida dos/as estudantes da EJA. Para atender esses objetivos foram realizadas entrevistas com catadores/as organizados/as em uma associação, além da observação e registro de seis aulas. Por fim, observou-se que quando se fala de acesso e permanência nas salas de aula da EJA as relações são desiguais entre mulheres e homens. No artigo é evidenciado que historicamente as mulheres têm-se constituído um público específico da EJA, decorrente pela maior amplitude da experiência feminina de não acesso à educação. Portanto, mesmo diante dessa realidade “a literatura na área tem-se dedicado pouco às discussões sobre essas pessoas” (SOUZA e FONSECA, 2008, p. 2).

O artigo de Pereira (2011) teve como objetivo discutir memórias de mulheres idosas da EJA de Saquinho, uma comunidade rural do município de Inhambupe-BA. Levou em consideração como as narrativas de vida se ligam com os saberes da experiência construídos nas suas trajetórias com os saberes escolares. Para essa reflexão foram entrevistadas várias estudantes idosas. A pesquisa constata que não existe uma política efetiva para essas idosas da comunidade rural de Saquinho. Não há garantias de educação que dê oportunidades de forma igualitária conforme determinam as diretrizes do artigo V do Estatuto do Idoso. Mesmo com os projetos de vida e com a escola, esses direitos são negados, pois não há um espaço escolar para os/as idosos//as.

O artigo Souza, Caetano e Rosa (2012) destaca mulheres em situação de aprisionamento e teve como propósito analisar a constituição das experiências

educativas escolarizadas delas. Para isso foram coletados dados em duas instituições prisionais, tipicamente femininas, por meio de questionário e entrevistas que tinham como objetivo traçar o perfil social dessas mulheres. Assim chegou-se a conclusão que mesmo que o direito à educação para pessoas em situação de aprisionamento esteja assegurado na Lei de Execução Penal e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Prisional, esse direito não se configura uma prioridade no contexto do sistema prisional.

Os resultados iniciais desta pesquisa indicam que o direito à educação é uma conquista ainda a ser feita tendo em vista a ineficácia de políticas públicas que alcancem de modo efetivo a população prisional, de modo específico, em nossa análise, as mulheres aprisionadas (SOUZA, CAETANO e ROSA, 2012, p. 6).

A pesquisa de mestrado de Bastos (2011) desenvolveu-se com egressas do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Minas Gerais e teve como objetivo central conhecer as trajetórias delas após a conclusão do curso e compreender os efeitos permanentes da escolarização em suas vidas. Buscou-se compreender como essas mulheres avaliavam a influência da escola em sua qualidade de vida e como a convivência escolar poderia ou não transformar suas relações com a sociedade. Os resultados revelam que

a escola simbolizava para essas mulheres a oportunidade de mudança de vida, pois elas a viam como a porta para o crescimento profissional, independência financeira, crescimento pessoal e aumento da autoestima, sentimento de igualdade perante seus maridos, filhos e amigos (BASTOS, 2011, p. 9).

O artigo de Rieger e Alexandre (2011) buscou compreender o contexto de vida das mulheres que retomaram os seus estudos na EJA na cidade de Sinop – Mato Grosso. Focaram o estudo em como essas mulheres mobilizaram seu processo de escolarização, ao conciliar trabalho, família e a vida afetiva. O método de trabalho foi o estudo de caso etnográfico. A coleta de dados realizou-se através de entrevistas semiestruturadas com oito mulheres da modalidade da EJA. Percebeu-se que por diversos anos as mulheres tiveram uma educação diferenciada, mas ainda assim após diversas lutas conseguiram sua liberdade

conquistando o mesmo direito dos homens. O que está relacionado ao âmbito das suas relações cotidianas,

pois a partir do momento que adquire os conhecimentos sistematizados, [...] essas mulheres tornam-se mais preparadas e confiantes, deixam o medo de lado e são capazes de exprimir os seus pensamentos, as suas vivências e as experiências acumuladas durante seu longo período de vida (RIEGER e ALEXANDRE, 2011, p. 9).

O texto de Narvaz, Sant'Anna & Tesseler (2013) buscou investigar como as questões de gênero estão atualmente demarcando a ocupação diferenciada dos espaços de saber-poder na EJA; conhecer os motivos para o afastamento de estudantes da escola na idade regular e os motivos para o retorno à escola na modalidade da EJA; e investigar a implicação das questões de gênero nestes achados. O estudo foi conduzido em sete escolas da rede pública de Alegrete, realizando-se questionários e entrevistas com estudantes, professores/as e gestores/as da EJA. Concluiu-se que mesmo com as conquistas das mulheres de participação em diversos campos do saber, o que permanece ainda são as prescrições de gênero enquanto determinantes das formas de existência de homens e de mulheres.

Estudos e pesquisas acerca da incidência das questões de gênero na escolarização de meninos e meninas, homens e mulheres devem seguir sendo conduzidos a fim de subsidiar políticas que possam superar as dificuldades encontradas, sobretudo no que tange à exclusão das meninas e das mulheres da escola e dos diversos espaços sociais de saber e de poder (NARVAZ, SANT'ANNA e TESSELER, 2013, p. 102).

É importante ressaltar que no levantamento bibliográfico que realizamos nessa pesquisa, a maioria dos trabalhos encontrados não estavam em periódicos A ou B da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mas em periódicos regionais. Foi encontrado apenas quatro trabalhos apresentados na ANPED. Esses resultados apontam que as pesquisas sobre a temática da mulher na EJA têm sido escassas. Sendo assim, essa realidade mostra a relevância dessa pesquisa. Bastos (2011) afirma que não existem muitas referências bibliográficas referentes à relação de gênero e EJA, ou ainda da trajetória daquelas alunas que já concluíram essa modalidade de ensino.



Segundo Weller (1996), existem poucos estudos que abordam as relações de gênero levando em consideração o aspecto educacional no Brasil. A maioria das pesquisas estão voltadas às relações sociais entre homens e mulheres abordando a questão do trabalho, papéis sexuais e família. Foi na década de 70 que começaram a aparecer estudos sobre a questão educacional da mulher no Brasil.

De um modo geral os estudos mostram que a mulher ainda é discriminada na atual sociedade, uma problemática que segundo Reis (2009), é ainda bem visível. Diversas vezes o marido/companheiro costuma não ajudar a cuidar dos filhos/as, o que estimula a mulher a desistir da escola. São várias as razões que contribuem com o afastamento dos estudos por parte dessas mulheres, razões que envolvem cerceamentos vindos da família, pensamento popular de que a mulher não precisa estudar, ingresso precoce no mercado de trabalho, casamento e filhos. Assim, após se depararem e superarem essas diversas dificuldades vindas do meio social, essas mulheres enxergam nos estudos melhores oportunidades de vida e por isso retornam a escola.

## CAPÍTULO 3

### 3 ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo deste estudo que busca compreender como os alfabetizandos e as alfabetizadas da Educação de Jovens e Adultos percebem as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa. Segundo Godoy, “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural” (1995, p. 62). Nessa abordagem é valorizado o contato do/a pesquisador/a com o ambiente ou a situação estudada. Pois um fenômeno pode ser melhor compreendido dentro do contexto em que ocorre, conforme o autor explica:

Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa “ilumina”, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos (GODOY, 1995, p. 63).

Assim, buscando dar voz também aos colaboradores da pesquisa, para a produção de dados fizemos a opção pela observação-participante e pela técnica de grupo focal, pois são dois instrumentos metodológicos apropriados para apreender o tema proposto na perspectiva dos investigados. Ressaltando que a partir da observação-participante foi produzido um Diário de Bordo. A observação-participante, segundo Fernandes e Moreira (2013)

se caracteriza pela promoção de interatividade entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto no qual eles vivem. A pesquisa dita qualitativa [...] obriga o pesquisador a lidar com o “outro”, num verdadeiro exercício constante de respeito à alteridade. Pressupõe convívio e intercâmbio de experiências primordialmente através dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir, vivenciar, experimentar (idem, p. 518).

A observação-participante pode ser dividida em três categorias (ADLER e ADLER, 1987, *apud* ABIB, HOPPEN e HAYASHI JUNIOR, 2013), sendo elas: periférica, ativa e completa. A observação periférica coloca o/a pesquisador/a em

uma posição menos comprometida, ele/a tem um papel pouco ativo, portanto tem a facilidade de ser neutro/a frente a coleta de dados. A observação ativa faz com que o/a pesquisador/a assuma um papel mais central e funcional dentro do grupo, o que faz com que ele/a seja facilmente aceito/a e conquiste a confiança do grupo. E a observação completa é dividida em duas categorias: de oportunidades (pesquisador/a já faz parte do grupo) ou por conversão (o/a pesquisador/a se torna efetivo/a no grupo). Dessa forma o/a pesquisador/a tem acesso irrestrito ao ambiente para a coleta completa de informações.

Para essa pesquisa foi utilizada a observação participante ativa, pois devido a frequência das visitas as turmas de alfabetização, assumimos um papel funcional dentro do grupo, onde foi conquistada a confiança dos alfabetizandos e das alfabetizadas. Devido a essa frequência, a observação não foi periférica. Mas também não foi uma observação completa, pois não nos tornamos parte efetiva do grupo.

Mediante esse contato direto que a observação-participante proporciona foram estabelecidas relações informais (FERNANDES e MOREIRA, 2013) entre observados/as e observador/a. Existem variados recursos para a coleta de dados que podem ser utilizados, sendo nessa pesquisa utilizado além da observação-participante o Diário de Bordo ou Diário de Campo. O Diário de Campo é onde “o pesquisador registra suas impressões sobre o cotidiano dos sujeitos observados” (FERNANDES e MOREIRA, 2013, p. 519).

Além da observação-participante, fizemos uso do grupo focal, pois acreditamos ser necessário um aprofundamento em relação a compreensão dessa temática, a percepção das desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas, entre o grupo de alfabetizandos e alfabetizadas. Essa técnica (TRAD, 2009) tem como objetivo obter dados válidos e confiáveis em um curto período de tempo. Ela considera as diferentes visões e opiniões de diferentes sujeitos, coleta informações através das interações do grupo e tem como foco reunir informações detalhadas sobre um determinado tópico ou assunto. Busca informações que proporcionem a compreensão de percepções sobre um tema e é baseado na interação entre as pessoas.

O grupo focal propicia um debate aberto, que permite e provoca a participação efetiva dos/as participantes. Um período proposto para executar toda a atividade é de 90 a 110 minutos de duração. O/a moderador/a da atividade tem a função de introduzir a discussão e de enfatizar que não existem respostas certas ou erradas, tem que observar e encorajar os/as participantes e tem um papel mais centrado do que diretivo no processo. O/a moderador/a precisa ter em mãos um roteiro que vai nortear a discussão, o qual precisa conter poucos itens, iniciando com questões mais gerais e simples. Existem algumas regras básicas que precisam ser seguidas para um bom andamento da atividade, como: cada participante deve falar de cada vez, é preciso evitar discussões paralelas, cada um/a tem o direito de dizer livremente o que pensa, é preciso evitar que um/a participante domine a discussão e todos/as precisam manter a atenção (TRAD, 2009).

O grupo focal foi utilizado para que fossem ouvidas as vozes dos alfabetizandos e alfabetizandas sobre as desigualdades educacionais que a mulher enfrenta na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização. Além de ouvir também um pouco sobre a trajetória deles/as, o que fez com que interrompessem os estudos e qual a razão do retorno a sala de aula.

Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida a partir da observação-participante, que resultou no Diário de Bordo, e com o grupo focal que foi realizado. Que foram realizadas com 15 alfabetizandos e alfabetizandas que participaram do Programa DF Alfabetizado que acontece na cidade do Paranoá-DF, ao longo de três semestres (2013-2014), de modo a contemplar os seguintes objetivos:

### **3.1 Objetivos**

#### **3.1.1 Objetivo geral**

Compreender como os alfabetizandos e as alfabetizandas da Educação de Jovens e Adultos percebem as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas.

### **3.1.2 Objetivos específicos**

1. Compreender e analisar a percepção dos alfabetizandos e das alfabetizadas sobre a desigualdade feminina na Educação de Jovens e Adultos;
2. Identificar os desafios que a mulher estudante da Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização enfrenta para permanecer estudando e analisar como esses contribuem para as desigualdades educacionais de gênero;
3. Analisar se as alfabetizadas da Educação de Jovens e Adultos se percebem nessa realidade de desigualdade.

### **3.2 Caracterização da área de estudo**

A imersão no espaço de estudo ocorreu no âmbito dos Projetos 3 e 4 (2º2013 a 2º2014), o qual faz parte do currículo do curso de Pedagogia da UnB. O projeto 4 corresponde ao estágio obrigatório do curso e contém duas fases, sendo que cada uma tem a duração de um semestre. Trata-se de um momento importante para a constituição “da identidade do professor por meio da sua imersão nas práticas educativas que ocorrem no contexto escolar formal, seja este vinculado a instituições públicas, particulares ou a organizações/movimentos sociais” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2011, p.1). Nosso Projeto 4 foi realizado com o Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX) na alfabetização de adultos no Paranoá.

O GENPEX é um grupo coordenado pelo professor Renato Hilário dos Reis que trabalha com educação popular e tem como objetivo desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Esse grupo é composto por estudantes, ex-estudantes, professores/as e ex-professores/as da graduação e pós-graduação da UnB, além de outros/as envolvidos/as. O grupo além de atuar em comunidades do entorno do DF, como Ceilândia e Taguatinga, trabalha com jovens e adultos/as do CEDEP (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá) o qual tem parceria com o programa do GDF o DF Alfabetizado.

O Paranoá é uma Região Administrativa (RA) do DF, é a antiga Vila Paranoá. Segundo informações retiradas da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

(Paranoá PDAD 2013) a Vila Paranoá tem como origem o acampamento dos pioneiros que trabalhavam na construção da Barragem do Lago Paranoá no ano de 1957. Quando terminaram a obra, os pioneiros ficaram no local, além de outros imigrantes que acabaram ocupando a área que era próxima à antiga vila. Já em 1960, o acampamento estava abrigando cerca de três mil moradores/as em 800 barracos, que estavam próximos à barragem do Lago Paranoá. A RA do Paranoá foi criada em 10 de dezembro de 1964, e em outubro de 1989 foram fixados os novos limites e a transferência do assentamento para área definitiva do Paranoá. A fixação do Paranoá, é portanto, decorrente de um intenso processo de luta dos movimentos sociais, pelo direito à moradia, processo esse marcado por enfrentamentos e contradições. Atualmente a população do Paranoá é de cerca de 45.000 habitantes.

O CEDEP marca os movimentos sociais do Paranoá, pois desde o início lutou por questões de moradia, de melhores condições para seus habitantes e pela educação. O programa de alfabetização que acontece hoje no Paranoá, chamado de DF Alfabetizado, começou com o CEDEP, o qual trabalhava como a educação de adultos/as com o apoio de voluntários/as e uma entidade religiosa. Esse programa que é desenvolvido pelo CEDEP, é também conhecido como o Projeto Paranoá – Itapoã<sup>1</sup>, o qual busca uma educação transformadora para a vida dos/as educandos/as.

Em 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com o objetivo de atender duas necessidades, a primeira é sobre a política nacional expressa pelo Plano Nacional de Educação (PNE); e a segunda é para atender a demanda histórica dos movimentos sociais populares e intelectuais organizados no campo da educação pela alfabetização de jovens e adultos/as. O Brasil Alfabetizado com o objetivo de firmar-se politicamente, buscou recriar o diálogo com os diversos grupos organizados voltados para a educação de jovens e adultos/as. O programa estipulou que as suas turmas deveriam ter a duração de seis meses e as atividades diárias seriam de duas horas.

---

<sup>1</sup> Região Administrativa do Distrito Federal.

Somente no ano de 2011, com a posse do governador Agnelo Queiroz, que o PBA chegou ao DF (SOUZA, 2014), isso se deu devido à cobrança de grupos organizados, como o CEDEP. No DF o PBA foi rebatizado de DF Alfabetizado, portanto segue as mesmas propostas do Programa em âmbito nacional e fornece bolsas para grupos organizados que trabalham como a alfabetização de jovens e adultos/as. Esses/as bolsistas passam por uma formação coordenada pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE) do GDF, onde é proposto o método de Paulo Freire com o uso da palavra geradora, e como complemento são entregues aos alfabetizadores e as alfabetizadoras o material didático preestabelecido para ser usado em salas de aula.

### **3.3 Caracterização do espaço educacional**

Essa pesquisa foi realizada durante os anos 2013 e 2014 em uma escola do Paranoá que recebe e atende alfabetizandas e alfabetizandos do Programa DF Alfabetizado. Nessa escola funcionam seis turmas do DF Alfabetizado. Cada uma dessas turmas têm cerca de 14 alfabetizandos e alfabetizandas matriculados/as.

### **3.4 Caracterização dos/as participantes da pesquisa**

O grupo focal foi realizado em outubro de 2014 e teve a duração de uma hora. Os participantes foram os/as estudantes de uma turma de alfabetização com 18 pessoas matriculadas. Dessas, sete alfabetizandos e alfabetizandas vão as aulas com alguma frequência, sendo dois do sexo masculino e cinco do sexo feminino. A idade varia dentre 30 e 75 anos. A maioria veio do nordeste brasileiro e todos/as residem no Paranoá. Dos/as frequentes todos/as já tiveram a oportunidade de estudar anteriormente.

A observação participante foi realizada em três diferentes turmas de alfabetização, sendo que cada uma foi observada por um semestre (2º2013 a 2º2014). No geral as três turmas tinham cerca de quatorze alfabetizandos e alfabetizandas matriculadas, mas a frequência das três turmas eram reduzida, cerca de metade dos/as alfabetizandos e alfabetizandas matriculados/as iam as aulas. Nas três turmas a maioria dos/as que frequentavam as aulas nasceram no nordeste

brasileiro e vieram para o DF em busca de melhores condições de vida. A maioria tinha mais de cinquenta anos de idade.

### **3.5 Procedimentos usados para gerar os dados**

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito dos Projetos 3 e 4 e foi realizada em três turmas de alfabetização, as quais foram acompanhadas cada uma durante um semestre. O acompanhamento se dava duas vezes na semana, geralmente as segundas e terças de 19h-21h. Durante esse acompanhamento, o qual durou três semestres, foi produzido um Diário de Bordo, que também contribuiu com essa pesquisa. Pois no Diário de Bordo foram registradas falas e situações que chamaram a atenção e que têm ligação com o tema dessa pesquisa. Além dessa observação-participante e dos relatos do Diário de Bordo, foi desenvolvido um grupo focal com os alfabetizandos e as alfabetizandas da terceira turma acompanhada (2º2014), para que fossem ouvidas suas percepções sobre as desigualdades de gênero na EJA. A atividade foi realizada com a terceira turma, porque era a turma que estava sendo acompanhada quando surgiu o interesse de realizar o grupo focal.

Para o grupo focal tomou-se alguns cuidados éticos. Antes da atividade explicou-se a necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após a explicação o termo foi distribuído e todos/as os alfabetizandos e as alfabetizandas o assinaram. Também foi ressaltado a eles/as que seus nomes não seriam divulgados, mas que seriam utilizados nomes fictícios. Portanto, os alfabetizandos e as alfabetizandas autorizaram que fossem utilizados os nomes verdadeiros, mas mesmo assim decidimos utilizar nesse estudo nomes fictícios.

A proposta inicial foi a seguinte: a atividade seria dividida em três partes. A primeira consistia em uma discussão a partir da vivência, opiniões e conhecimentos prévios dos sujeitos. Na segunda parte seria exibido o vídeo Vida Maria. E a terceira e última parte seria uma discussão que tomasse como base o vídeo exibido. Tanto a primeira e a terceira parte seriam conduzidas por questões previamente estabelecidas, sendo elas:

1ª discussão: 1) Vocês acham que existe diferença entre homem e mulher quando se fala em estudar? Quais são essas diferenças/dificuldades? 2) O



que impediu vocês mulheres de estudar quando mais jovens? Por que vocês retornaram hoje? 3) Quais são os desafios que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos?

2ª discussão: 1) O que vocês acharam do vídeo? 2) Vocês já viram algo semelhante acontecer com alguém conhecido? Se sim, relate resumidamente. O que aconteceu de semelhante? 3) Vocês acham que existe diferença entre homem e mulher quando se fala em estudar? Quais são essas diferenças/dificuldades?

Seria explicado inicialmente a proposta e o funcionamento da atividade, sendo: a importância da participação de todos, evitar conversa paralela, respeitar as diferentes opiniões e a inexistência de respostas certas ou erradas. Além de que seria distribuído e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e explicada a necessidade de ser gravado o áudio da atividade.

A atividade foi realizada em uma terça-feira do mês de outubro de 2014, com a participação de três alfabetizadas e dois alfabetizandos. A atividade iniciou com uma apresentação da alfabetizadora, que explicou que a aula seria diferente naquele dia, logo em seguida foi passada a palavra. Inicialmente foi feita uma apresentação sobre a pesquisa e sobre a atividade, enfatizando sua importância. Logo em seguida foi falado sobre o termo, o qual foi assinado pelos/as cinco participantes.

*KARLA- Olha, eu sou a Karla, estudo na Universidade de Brasília, faço o curso de Pedagogia, pra ser professora. Eu to terminando o curso, o curso são de quatro a cinco anos, eu to no final. E pra gente terminar, a gente precisa fazer um trabalho, que chama monografia. Acho que vocês já ouviram falar. É um trabalho bem grande, ai a gente escolhe um tema que interessa, que no meu caso é a educação de adultos, e ai a gente pesquisa alguma coisa desse tema, eu to pesquisando sobre a mulher na Educação de Jovens e Adultos. Então eu li muita coisa, é... Pesquisei e estou escrevendo. E agora para eu terminar meu trabalho eu tenho que fazer uma atividade que chama grupo focal. O que é grupo focal? É um grupo que discute, que vai conversar sobre determinado tema, que no caso é a mulher na Educação de Jovens e Adultos. E ai a proposta é, eu tenho algumas perguntas pra fazer, é tipo uma entrevista, é uma coisa bem (simples)... Não é resposta certa, resposta errada, não, é a opinião de vocês, a vivência de vocês, é bem tranquilo! E ai eu preciso fazer isso. Vocês, ai eu preciso saber se vocês aceitam [...] Fazer essa atividade com vocês? É uma conversa e eu quero saber*

*a opinião de vocês, sobre a mulher na Educação de Jovens e Adultos. Eu vou fazer a pergunta e vocês vão responder. Ai eu preciso gravar o áudio, não vou gravar imagem, só a conversa de vocês. E eu preciso da autorização de vocês, para eu fazer esse trabalho e poder escrever sobre. Não vou falar o nome de ninguém. [...] Então é o seguinte, a gente vai ter três momentos rapidinhos. O primeiro momento é a discussão, eu quero saber opinião de vocês, vou fazer três perguntas e vocês vão responder. Depois vou passar um vídeo, é um desenho, ele tem nove minutos, é bem rapidinho também, e depois a gente vai falar um pouco sobre o vídeo. Então, essa atividade que a gente vai fazer, que chama grupo focal, ela tem algumas regras pra caminhar bem, por exemplo, todo mundo precisa participar, não pode ser só uma pessoa que vai ficar falando, eu quero ouvir a opinião de todo mundo. Então todo mundo tem que participar. Outra coisa que é interessante é que a gente preste atenção, que não fique falando com quem está do lado, enquanto o assunto está acontecendo. E um falar de cada vez, né? Pra não, não misturar. E é isso, é bem tranquilo. E eu quero saber a opinião de vocês, eu não vou falar minha opinião e nem a professora, a gente pode falar no final, mas agora a gente quer a opinião de vocês (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Após esse primeiro momento iniciou-se a primeira discussão.

Antes do início da atividade, conversando com uma colega do GENPEX, decidi inverter a ordem das primeiras questões, sendo que iniciaria com a vivência dos sujeitos, para depois questionar a opinião deles sobre a diferença/desigualdade entre homens e mulheres. Depois perguntou-se sobre os desafios que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos. E por fim, se eles/as e elas percebem alguma diferença quando um homem ou uma mulher retornam aos estudos, o que de início disseram que não, mas depois começaram a ver que existem diferenças.

Logo em seguida os/as participantes assistiram ao vídeo. Durante o visionamento do vídeo alguns/mas alfabetizandos e alfabetizandas fizeram alguns comentários, pois se identificaram bastante como que era retratado e sobre algumas realidades encontradas no nordeste, como a escassez de água. Chegaram a dizer que aquilo tudo era realidade.

*MOACIR- É, é real isso ai, sabia?*

*MARA LÚCIA- Oxi! Mas é.*

*MOACIR- É real sim! (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014)*

Após assistirem ao vídeo fizeram diversos comentários sobre o mesmo, além de relatarem experiências semelhantes à assistida. Em seguida foi perguntado as razões que os/as trouxeram de volta aos estudos e mais uma vez foi questionado se existem desigualdades entre o homem e a mulher quando retornam aos estudos.

Por fim, agradeceu-se a participação de todos/as e concluiu-se dizendo que a atividade foi ótima e de extrema importância para a monografia. Os/as participantes se colocaram a disposição se algo mais fosse preciso.

*KARLA- muito rico o que vocês falaram, vai me ajudar muito, minha professora vai ficar muito feliz. Muito obrigada vocês! Obrigada professora! [...] Obrigada por essa entrada. [...] Muito obrigada, muito rico, muito interessante, cada um tem uma história, cada um tem um motivo né, de não estudar, cada um teve que enfrentar uma coisa diferente. Muito obrigada e força pra vocês (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

### **3.5.1 Sobre o vídeo Vida Maria**

O vídeo<sup>2</sup> Vida Maria que foi exibido na atividade é uma animação que foi dirigida por Márcio Ramos, no ano de 2006, tem a duração de 9 minutos e foi produzida no Ceará. Retrata a vida de Maria José desde seus cinco anos de idade até sua velhice. O vídeo começa com Maria José ainda criança em um momento que ela é obrigada por sua mãe a largar os estudos, para se dedicar aos deveres domésticos. Maria José cresce, se casa e tem vários filhos/as. Maria de Lurdes é sua filha, no vídeo a mostra rabiscando o caderno, aprendendo a escrever seu nome, quando sua mãe chama sua atenção e a manda ir trabalhar. O vídeo retrata uma repetição, algo que acontece e é passada de mãe para filha, onde a mãe julga o trabalho ser mais importante do que o estudos, ela tem esse pensamento e atitude porque isso é o que foi passado para ela na infância.

---

<sup>2</sup> Disponível em - [https://www.youtube.com/watch?v=zHQqpl\\_522M](https://www.youtube.com/watch?v=zHQqpl_522M) – Acesso em 19/10/2014

## CAPÍTULO 4

### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a análise e discussão dos dados foram utilizadas as vozes dos/as alfabetizandos e alfabetizandas que participaram do grupo focal e algumas vozes que foram retiradas do Diário de Bordo. O Diário de Bordo foi construído ao longo de três semestres (nos anos de 2013 e 2014), a partir da observação-participante em três turmas de alfabetização, todas as turmas eram do Paranoá. O grupo focal foi realizado na turma acompanhada no 2º/2014.

No dia em que foi realizado o grupo focal participaram cinco pessoas. Na tabela que segue é apresentado o perfil desses/as alfabetizandos e alfabetizandas.

Tabela 3- Perfil participantes do Grupo Focal

<b>NOME</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>NASCEU</b>	<b>TRABALHA</b>	<b>ESTUDOU</b>
<b>Ezequiel</b>	Masculino	55-65	Paraíba	Aposentado	Sim
<b>Laura</b>	Feminino	50-60	Goiás	Sim	Sim
<b>Mara Lúcia</b>	Feminino	55-60	Pernambuco	Sim	Sim
<b>Moacir</b>	Masculino	50-60	Ceará	Sim	Sim
<b>Olga</b>	Feminino	30-40	Ceará	Sim	Sim

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

A atividade buscou ouvir a percepção que os alfabetizandos e as alfabetizandas têm acerca da mulher na EJA. Foram feitas perguntas sobre as causas da interrupção dos estudos deles/as, as causas de retorno, se para eles/as existem diferenças entre homem e mulher quanto aos estudos, quais os desafios e dificuldades que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos e foram feitos comentários baseados no vídeo Vida Maria.

A seguir é apresentado o resultado e a análise dos dados obtidos, construído a partir do grupo focal e recortes do Diário de Bordo.

Algumas questões foram divididas em categorias, como as causas de interrupção e retorno aos estudos, bem como os desafios para permanecer estudando, pois os alfabetizandos e as alfabetizandas trouxeram diferentes fatores e razões para essas questões, onde foi possível identificar alguns dos desafios que a mulher enfrentou e enfrenta. Assim, consideramos pertinente ter um olhar mais atento a cada uma dessas causas levantadas.

#### **4.1 Causas de Interrupção**

A partir das observações e do grupo focal infere-se que dentre as causas que impediram a conclusão dos estudos na idade apropriada, as que mais se destacam foram: casamento, criação dos filhos, proibição ou falta de incentivo dos pais/responsáveis, dificuldade/impossibilidade de ter acesso a uma escola, necessidade/obrigação de trabalhar ou desinteresse. Tais fatores segundo Bastos (2011) são alguns entre vários que

concorrem para o afastamento da mulher da escola, a saber: impedição de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente, para contribuir com o sustento do grupo familiar; quando não, a própria constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico (BASTOS, 2011, p. 43).

Diversas questões contribuíram/contribuem com a interrupção dos estudos da mulher, por necessidade, por causa da família, por submissão e outras questões. Dessa forma, elencamos as causas de interrupção aos estudos que apareceram em nossa pesquisa e optamos por falar sobre cada uma a seguir.

##### **4.1.1 Casamento, gravidez e criação dos/as filhos/as**

Muitas mulheres pararam de estudar porque se casaram, ficaram grávidas e pela criação dos filhos. Elas acabaram dando prioridade à família e assim deixaram os estudos, conforme evidenciam as falas de duas alfabetizandas:

*LAURA – Ai quando fiquei grande, né, ai, não quis saber [...], fui inventar de com de 18 anos me casei, fui criar meus filhos, ai criei (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

*SILVIA- E a gente vai cuidando de marido e de filho, né, e menos da gente. [Diário de Bordo]*

As mulheres têm dificuldades de conciliar os estudos com as tarefas domésticas e familiares (NARVAZ, SANT'ANNA e TESSELER, 2013), principalmente após a gravidez e o casamento, pois isso pesa muito para a mulher. Dessa forma “elas se dedicam totalmente à futura família, abrindo mão de alguns de seus sonhos e realizações pessoais” (BASTOS, 2011, p. 50). O que é diferente para o homem, pois na maioria dos casos, tanto de modo geral como dentro da nossa pesquisa, dentro do casamento o homem e a mulher assumem diferentes papéis, responsabilidades e funções, a mulher está muito ligada à criação dos filhos e de cuidar da casa, e como essa responsabilidade cai sobre ela, ela abre mão de outras coisas, como o estudo, para assumir essas atribuições. Já para o homem é diferente, ele não costuma assumir as atividades domésticas e o cuidar dos filhos.

Algumas mulheres mesmo casadas e/ou com filhos ainda aceitam o desafio de estudar, mas chegam a ser impedidas pelo marido. Muitos maridos sentem ciúmes e insegurança com o fato de sua esposa frequentar uma sala de aula, assim as proíbem. O que até parece algo ultrapassado, mas ainda ocorre bastante. Uma das alfabetizandas em um dia relatou que seu marido era muito ciumento e não a deixava estudar nem trabalhar.

*SILVIA – eu depois que eu casei também, tenho 27 de casamento, 27 anos, eu tenho um filho de 24 anos e uma de 22. E aí eu casei muito cedo e meu marido não deixava (estudar), era muito ciumento, tanto que eu nunca trabalhei, não fiz nada, porque era só pra ficar dentro de casa cuidando dos filhos. Hoje que ele, a cabeça dele mudou, é... Amadurece, né? [Diário de Bordo]*

O homem ainda impõe muito sobre a mulher, aquilo que ele decide tem falado mais alto e a mulher tem se subordinado a isso. Esse aspecto é bem visível em nossa sociedade, pois a mulher ainda é alvo de discriminação (REIS, 2009) por parte de seu marido. Como discutido no capítulo 1, que aborda um pouco dessa mulher que devia se submeter a seu marido e que vivia em função de se preparar para representar e cuidar bem de sua casa. E mesmo com o passar dos anos isso ainda permanece. Muitos/as ainda acreditam e defendem que quem precisa sair de

casa, seja para trabalhar ou estudar, é o homem, o papel da mulher é o de ficar em casa.

#### **4.1.2 Proibição ou falta de incentivo dos pais/parentes**

O que ocorria bastante também é que os pais/responsáveis proibiam e/ou não incentivavam seus filhos/as a estudar, o que ocorria por diversas razões: por ciúmes, por querer que o/a filho/a ajudasse nos trabalhos domésticos ou por um contexto de insegurança.

*OLGA- Porque na época que a gente estudava, assim, meu pai e minha mãe não incentivava, “vai pra escola”, né? Ai com minha falta de interesse e eles não mandaram, ai eu não, nunca me liguei (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

A família é apontada como um dos fatores que influenciam o fracasso escolar da criança (RIEGER e ALEXANDRE, 2011, p. 166), “seja pelas suas condições de vida, seja por não acompanhar o filho em suas atividades escolares”.

Em uma das aulas observadas uma alfabetizanda disse que o pai a proibiu de estudar, porque na escola ela iria aprender escrever cartas para o namorado.

*PAULA - Meu pai me colocou no colégio, depois comecei a namorar, o meu pai me repreendeu e me tirou da escola. Na nossa época os pais não deixavam a gente ir para escola, por que lá a gente ia aprender a escrever bilhete para o namorado. [Diário de Bordo]*

Muitos pais davam prioridade ao trabalho da roça em relação aos estudos, assim tiravam ou nem colocavam os filhos/as na escola para que eles/as ajudassem em casa.

*ELZA- Meu pai não tinha filho homem e ele não queria que eu estudasse, porque eu tinha que ajudar ele no serviço. [Diário de Bordo]*

*EZEQUIEL- E até quando eu era da idade de seis anos, eu comecei a estudar [...] mas ai depois minhas tia tiraram eu da escola, ai eu fui trabalhar, ai fiquei sem estudar (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

A maioria desses pais/responsáveis não enxergava nos estudos um futuro promissor, pois para eles/as não era preciso saber ler, escrever e contar para viver e cuidar da roça, onde a maioria dos sujeitos da pesquisa cresceu. Não precisava estudar pra cuidar da terra e dos animais. Assim, esses pais/responsáveis não incentivavam. Ainda mais para a mulher, pois ao ver deles/as, elas não precisavam estudar pra serem capazes de cuidar do marido, filhos/as e do quintal.

#### **4.1.3 Dificuldade ou impossibilidade de ter acesso a escola**

Muitos/as moravam em fazendas, roças ou sítios, e a escola mais próxima ficava distante, assim alguns pais, por conta dessa distância e por possíveis perigos pelo caminho, tiravam seus filhos da escola. Ressaltando que em algumas regiões nem tinham escolas.

*MARA LÚCIA - Quando eu tava começando a fazer o ditado eu adoeci, ai eu parei. Ai depois meu pai falou que a gente não ia estudar mais, porque era à noite e era longe, ai eu parei.*

*ELZA- Ai teve uma época que tinha o MOBREAL, era a noite, ai eu ia e minha prima. [...] Só que a noite. [...] Esperava os outros alunos que iam pra gente se juntar, só que quem disse que eles queriam passar lá por casa pra me deixar (na volta), que era um pouco distante. Então eu tinha que pegar o saquinho com os livros, caderno, e sair correndo no meio do mato que nem uma doida. Ninguém ia na escola, minha mãe não ia me pegar. [Diário de Bordo]*

*MOACIR- Lá no Ceará, na minha época não tinha oportunidade né, [...] lá no Ceará na minha época não tinha escola (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Em algumas regiões existiam somente escolas com os anos iniciais, em sua maioria até o final do ensino fundamental I, e para continuar estudando a pessoa precisaria se mudar para outra cidade para poder dar continuidade aos estudos.

*DULCE- ai cheguei até a quarta série. Ai quando chegou na quarta a gente recebia o diploma, porque não existia (escola com os anos seguintes). Quem queria estudar mais tinha que ir lá pra Belo Horizonte, tinha que ir pra Pirapora, né. Mas e ai como a gente não tinha condição, não tinha dinheiro pra isso... [Diário de Bordo]*



Alguns alfabetizandos e alfabetizandas tiveram dificuldades dentro da sala de aula. Tiveram professores/as que não lhes deram a devida atenção, isso por diversas razões, o que os/as deixaram desmotivados/as e acabaram deixando a escola.

*MARA LÚCIA - Ai eu comecei aqui na escola de novo. Particpei acho que uns três meses, mas ai a professora me botou numa sala com muita gente... E ai não deu pra eu pegar nada, ai eu sai.*

*MOACIR - Vim pra cá em Brasília. Aqui eu estudei até a terceira série, mas... A professora não... Não colocava eu pra assinar nome (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

E tem também os casos, que por questões da vida, seja doença ou morte, a pessoa fica impossibilitada de estudar, como no caso de uma das alfabetizandas, que perdeu a mãe ainda criança e precisou abrir mão dos estudos para cuidar dos irmãos.

*LAURA – Eu estudei, mas assim, é foi pouco, morava na roça. E quando eu tinha 12 anos, ai a gente era sete irmão, né? Ai minha mãe faleceu. [...] Ai eu parei tudo pra criar meus irmãos. [...] Nunca tive muita oportunidade de estudar.*

A história dessa alfabetizanda nos chama a atenção, pois ela ainda criança, com doze anos apenas, teve que assumir a criação dos irmãos por ser a irmã mais velha, porque o pai precisava trabalhar para manter a casa. Dessa forma ela teve que se tornar adulta com doze anos, deixou de ser criança e de viver sua adolescência. Como articula Bastos quando afirma que “no caso da falta de um dos pais, a necessidade de cuidado com os familiares, doenças, são elas as primeiras a abdicar dos estudos em prol da harmonia familiar” (2011, p. 117).

#### **4.1.4 Necessidade ou obrigação de trabalhar**

Tem os casos que o/a estudante teve que abrir mão dos estudos por causa do trabalho. Seja por necessidade, para poder sustentar-se e/ou a família, ou porque os pais julgaram mais relevante o trabalho do que o estudo naquele momento ou circunstância.

*MÁRCIA- Quando eu era criança eu não gostava de estudar de jeito nenhum, assim, minha mãe me botava pra escola, falava pra mim ir, as vezes eu ia, mas nem sempre eu entrava na sala de aula. E aí ela falava pra mim, 'você não quer estudar, então você vai trabalhar', aí eu falava 'ah, então eu prefiro trabalhar em vez de estudar'.*

*DULCE- Eu não estudei antes, sempre trabalhando... Achava que não dava pra conciliar trabalho e estudo. [Diário de Bordo]*

Essas mulheres mesmo cientes do quanto é importante estudar, corroborando o que afirmam Rieger e Alexandre, “priorizam muitas vezes o trabalho porque é fonte de renda e sobrevivência” (2011, p. 166).

#### **4.1.5 Desinteresse**

Algumas das alfabetizadas afirmam que não concluíram os estudos anteriormente por conta de desinteresse e falta de vontade. Elas tinham acesso e em alguns casos estavam matriculadas na escola, mas por falta da motivação acabaram desistindo.

*MÁRCIA- O meu problema de não estudar não foi nem porque não pode antes, foi desinteresse mesmo, naquela história, eu achava que só sabia ler e escrever já tava bom. [...] Então assim, eu não me interessei mesmo na época. Quando eu era criança eu não gostava de estudar de jeito nenhum. [Diário de Bordo]*

*OLGA- Eu foi falta de interesse. Falta de interesse mesmo. [...] Fui até a quarta série e a professora da gente casou, aí que eu não me interessei mais.*

Muitos/as dos/as estudantes da EJA não percebem o analfabetismo como uma “expressão de processos de exclusão social ou como violação de direitos coletivos”, mas eles/as associam o analfabetismo como “uma experiência individual de desvio ou fracasso” (GALVÃO e DI PIERRO, 2013, p. 15). Diversas vezes eles/as colocam a culpa de serem analfabetos neles/as mesmos/as, e acabam dizendo que não estudaram porque não quiseram, não tiveram interesse ou vontade. Mas é preciso ser levado em consideração outros fatores que podem ter contribuído com esse analfabetismo, como a falta de incentivo dos pais ou a falta de oportunidade/acesso a uma escola. Ou seja, as razões de não terem frequentado a

escola quando crianças vai muito além do que eles/as denominam como sendo um desinteresse.

#### **4.2 Obstáculos que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos**

Quando a mulher retorna à sala de aula enfrenta muitos desafios, desde o momento da matrícula e durante todo o processo. Elas precisam superar a timidez, o julgamento de outras pessoas, conscientizar-se de que elas ainda podem aprender e superar o que muitos/as dizem, de que lugar da mulher é em casa.

Durante a atividade realizada, sobre as dificuldades que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos, os alfabetizados e as alfabetizadas ressaltaram questões como timidez, dificuldades de conciliar com o trabalho, portanto o mais enfatizado foram as atividades domésticas.

*MARA LÚCIA- Assim, é que a gente fica assim meio tímida, meio sem saber assim, fica assim meio com vergonha, conversar, de saber fazer as letras.*

*OLGA – mas as vezes eu tenho medo de, das dificuldades né. Porque acho que na época nossa pra agora, é bem diferente né (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Essas mulheres quando retornam à sala de aula revelam uma autoimagem frágil (RIEGER e ALEXANDRE, 2011), e expressam sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal.

*MOACIR- eu acho o seguinte, quando a mulher casa e tem filho pequeno, ela se dedica mais a criar os filhos, criar os filhos, tem que, tem que trabalhar, tem delas que bota os filhos na creche, tem que trabalhar, cuidar, pagar, pra pagar, pagar creche, pra cuidar. Eu acho que é difícil pra, pra mulher, sabe? Assim no início, que tem família, eu acho que é difícil.*

*LAURA- eu acho assim, que quando a gente tem os filhos é pequeno, muita coisa atrapalha, né? Que você não pode sair, né, você tem que cuidar, dedicar mais eles né.*

*OLGA – querer desistir... Ai o cansaço do trabalho. [...] Ai eu chego em casa, arrumo a casa, tem que cuidar dos meninos, fazer uma coisa para comer. Ai acaba... Estou aqui, estou indo, né? [risos]*

Diante dessa realidade e dessas circunstâncias, a mulher precisa formular estratégias (NOGUEIRA, 2002), que serão desenvolvidas dentro de casa ou da comunidade, para que assim permaneça na escola.

*MARA LÚCIA- Eu tem vez que venho e deixo a cozinha lá toda desarrumada. Quando eu chego lá eu [...] tem que ser assim, se não for assim não vem. [...] Seu eu for encarar essa louça, porque eu trabalho, se eu for dizer assim eu vou chegar aqui minha cozinha [...] se for fazer, não vem não. Ai eu esquento minha comidinha, como e venho me embora. To nem ai, quando eu chegar eu faço. [Risos] Tem que ser assim. Se não, não faz... (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Como no caso da alfabetizanda Mara Lúcia, ela que trabalha na feira, faz os trabalhos domésticos e estuda, têm dias que ela chega em casa e se depara com um monte de louças para serem lavadas, ela mesma diz que se parar para lavá-las não conseguirá ir as aulas, assim ela ignora esse dever e dá prioridade as aulas e só depois lava as louças.

#### **4.3 Diferenças entre o homem e a mulher quando retorna aos estudos**

Durante o início da atividade do grupo focal, quando perguntados/as se existe diferença entre homem e mulher no que diz respeito a estudar e permanecer estudando, os alfabetizandos e as alfabetizandas afirmaram não existir diferenças. Mas com o decorrer da discussão eles/as foram problematizando alguns fatores que fazem com que essa diferença exista.

*MARA LÚCIA- Não, tem diferença não.*

*MOACIR- É... Porque o homem também tem a responsabilidade da família... O homem quando casa tem que cuidar da mulher, dos filhos [...].*

*OLGA- Mais pro homem é mais fácil. Porque a mulher se dedica mais a casa do que o homem. Então acho que pro homem é mais fácil. De estudar né.*

*MOACIR- Mas não é bem assim fácil não, porque...*

*OLGA- Mas é!*

*MARA LÚCIA- Mais quando chega a noite, né, fica difícil, pra mulher fica mais difícil né, a mulher tem que lavar, cozinhar [...] tem monte coisa pra fazer.*

*OLGA – Eu acho... Até melhor (pro homem) que a mulher (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Foi discutido que para o homem também não é muito fácil, pois ele precisa conciliar trabalho e estudo. Mas as alfabetizandas acabaram ressaltando os trabalhos domésticos, pois as mulheres têm essa responsabilidade/função a mais do que os homens, pois várias mulheres além de cuidar da casa e dos filhos, trabalham fora, assim acabam assumindo uma tripla jornada: emprego, trabalho doméstico e estudos. “Nesse retorno, muitas vezes percebem a incompatibilidade de conciliar as duas ou três jornadas (emprego, doméstico, estudo), isso sem contar da atenção que a família exige (marido e filhos)” (RIEGER e ALEXANDRE, 2011, p. 166).

*MARA LÚCIA- Eu tem vez que venho e deixo a cozinha lá toda desarrumada. [...] Se não for assim não vem. [...] Se eu for encarar essa louça, porque eu trabalho [...] se for fazer, não vem não [...] [Risos] Tem que ser assim. Se não, não faz... (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

“Tais situações mostram relações desiguais entre mulheres e homens, seja na questão do acesso e permanência nas salas de aula da EJA ou nas preocupações com o outro que acabam por sobrecarregar as mulheres” (SOUZA e FONSECA, 2008, p. 13).

Segundo uma pesquisa (Síntese de indicadores sociais - Uma análise das condições de vida da população brasileira 2013) realizada pelo IBGE, as mulheres são a maioria dos/as frequentes de cursos de EJA e supletivo, 53,6% dos/as estudantes são mulheres, conforme mostra a tabela 4 a seguir.

Tabela 4 - Pessoas de 15 anos ou mais que frequentam cursos de EJA ou supletivo

Pessoas de 15 anos ou mais de idade, que frequentam cursos de educação de jovens e adultos ou supletivo			
Grandes Regiões	Total	Distribuição percentual (%)	
		Sexo	
		Homem	Mulher
<b>Brasil</b>	<b>1 374 127</b>	<b>46,4</b>	<b>53,6</b>
Norte	205 759	47,8	52,2
Nordeste	429 584	45,0	55,0
Sudeste	440 189	46,3	53,7
Sul	193 610	50,9	49,1
Centro-Oeste	104 986	41,8	58,2

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012.

Portanto, essa presença da mulher na educação não quer dizer que no mercado de trabalho a mulher tem melhores salários. Essa diferença existe mesmo quando é levado em consideração os anos de estudos e a função. Mesmo quando o um homem e uma mulher desempenham uma mesma função o homem recebe mais que a mulher. O que ocorre segundo a pesquisa do IBGE, independente do nível de escolaridade. A tabela 5 abaixo:

Tabela 5 - Rendimento-hora médio das pessoas de 16 anos ou mais de idade ocupadas

Grandes Regiões	Rendimento-hora médio no trabalho das pessoas de 16 anos ou mais de idade ocupadas				
	Total	Grupos de anos de estudo			
		Até 4	5 a 8	9 a 11	12 ou mais
<b>Total</b>					
<b>Brasil</b>	10,27	5,00	6,77	9,03	22,61
<b>Homens</b>					
<b>Brasil</b>	11,22	5,60	7,54	10,55	27,60
<b>Mulheres</b>					
<b>Brasil</b>	8,99	3,82	5,47	7,15	18,34

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012.

A partir da tabela 5 é possível perceber a diferença do rendimento salarial entre homens e mulheres. Um dado que chama a atenção é que uma mulher com 9 a 11 anos de estudo recebe menos que um homem que estudou de 5 a 8 anos. Mais um dado que nos mostra que a desigualdade entre homens e mulheres no Brasil ainda é grande e não se restringe ao espaço escolar.

#### **4.4 Comentários sobre o vídeo Vida Maria: revelando o lugar da mulher na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização**

Os comentários expressos durante a exibição do vídeo Vida Maria também foi uma categoria escolhida para coleta e análise de dados. Durante a exibição do vídeo os alfabetizandos e as alfabetizandas se mostraram bem atentos/as e fizeram diversos comentários sobre o vídeo. O que mais chamou a atenção é que para eles/as aquilo era mais que um vídeo, era uma realidade retratada em uma animação, pois muitos/as vivenciaram situações semelhantes em sua infância e adolescência.

*MARA LÚCIA- Muito interessante!*

*MOACIR- É, é real isso ai, sabia?*

*MARA LÚCIA- Oxi, mas é!*

*MOACIR- É real sim!*

*MOACIR- É tudo é verdade.*

*MARA LÚCIA – Pura verdade da vida da roça! É daquele jeito!  
(Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Sobre a forma como a mãe agiu com a personagem Maria José, quando a mandou parar de escrever para ir trabalhar, os alfabetizandos e as alfabetizandas disseram que isso ocorria mesmo, muitos pais tiveram essa atitude. Para eles, o trabalho era mais importante que os estudos. A própria alfabetizadora ressaltou essa questão do interesse e preocupação por parte dos pais em relação aos estudos.

*MOACIR- Ai os pais, ai os pais nessa época era carrasco. Só botava a gente pra trabalhar...*

*ALFABETIZADORA- Eu vi no filme, é que a importância que muitas vezes os nossos pais não dão, não davam a educação. Pra eles era tipo coisa mais sem valor, que eles cobravam, eles não cobravam caderno, não cobrava se você ia para escola. [...] Então eu vejo que hoje a mãe cobra, né? Eu acho, porque já sei que uma mãe cobra... Se saiu bem, se ta bagunçando. Então na minha época, eu ia, tinha dia que eu não ia, tinha dia que eu nem lembrava, minha mãe não tava nem muito assim, 'ah, você tem que ir'. Entendeu? Não era essa cobrança, pra incentivar! Pra ela era simplesmente, tinha uma convenção de horário... Não incentivava, 'olha se você estudar você vai se isso, vai ser aquilo'. Não tinha. Então era vago (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Quando questionado se alguém tinha vivenciado algo semelhante ao retratado no vídeo, uma alfabetizanda compartilhou o que sua prima vivenciou.

*MARA LÚCIA- Eu conheci uma prima da gente, que a mãe dela morreu e ela ficou criança e ela foi criada pela irmã, então ela era naquela época desse assim, ela aprendeu assinar o nome dela por teimosia, que quando a irmã dela tava na roça, ela ia lá pegava o caderno fazia o nome, ela era muito inteligente que ela aprendeu a ler sozinha, ela pegava o livro da irmã dela e ela fazia. E a irmã dela ainda batia nela (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Os alfabetizandos e as alfabetizandas também comentaram sobre as dificuldades que enfrentaram no nordeste, sendo que o mais comentado foi sobre a dificuldade de ter acesso a água.

*MARA LÚCIA – pura verdade da vida da roça, é daquele jeito! Quando amanhecia o dia, num tinha água, nós tinha que buscar água a dois quilômetros, as vezes até mais. [...] É. Ai ela tinha água dentro do quintal, mas nós não tinha isso...*

*MOACIR- eu botava aqueles, como que fala, um negócio de pau, botava uma lata na frente a outra atrás, lata cheia de água quase [...].*

*MARA LÚCIA- no tempo de seca, eu lembro, nós buscava água, eu acho que era uns quatro km, ou era cinco. [...] a gente descia uns cinco metro de chão abaixo. Ele enchia as vasilha de noite, para os filho, na casa dele, pra água o dia ser da gente, a cozinha não era maior que isso aqui, só aquela pocinha de água. Você tirava uma quando tava na lata já tinha outra, ai ele enchia 10, 12 lata. Veio 12 pessoas, saia 12 latas de água. [...] A outra enchia até, completar aquelas pessoa, pra sair aquela fila de gente, com água na cabeça. Tomava banho de 8 em 8 dias.*

*MOACIR- Misericórdia!*



*MARA LÚCIA- É, não vou mentir. Ai de noite que a gente pegava um pouquinho daquela água e lavava os pés, quando chegava da roça, lavava as mãos o rosto e pronto. O banho só era no sábado.*

*MOACIR- Misericórdia! (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

#### **4.5 Diferenças entre o homem e a mulher (após o vídeo) quando retorna aos estudos**

Após a exibição do vídeo voltou-se a perguntar aos alfabetizandos e as alfabetizandas se eles/as acham que existe diferença entre o homem e a mulher em relação aos estudos, se é mais fácil para alguém, quais as dificuldades que enfrentam. E mais uma vez surgiu a relação da mulher com o trabalho doméstico.

*MARA LÚCIA- Pra mulher é mais difícil por conta da luta da casa, né. [...] A casa é você chegar em casa e tá, você fez comida pra muita gente, pra quatro, cinco pessoas, ta aquele monte de louça, né. Que é meu caso lá em casa, eu trabalho na feira, [...] Ai quando eu chego que não da tempo. [...] Ai eu digo deixa isso ai, que eu lavo, quer saber [...] então pra dona de casa é mais difícil, porque se eu fosse reparar... A casa, a cozinha, eu não vinha pra escola(Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

A fala da dona Mara Lúcia deixa mais uma vez evidente essa relação da mulher com as atividades domésticas, pois como a mesma disse, ela cozinha para cinco pessoas e ainda assim as atribuições domésticas ficam todas sobre ela. O que nos revela o lugar privilegiado do homem, se comparando a mulher nessa situação, pois ele não tem essa responsabilidade de cuidar da casa.

#### **4.6 Causas de retorno aos estudos**

Dentre as razões que fizeram esses/as alfabetizandos e alfabetizandas retornarem aos estudos estão: incentivo dos filhos, exigências do trabalho, vontade de aprender e de não depender de ninguém, para não passar vergonha e porque hoje com os filhos grandes surgiu a oportunidade. Contudo, como esclarece Nogueira,

Os sentidos interpretados, da busca de escolarização, não revelaram uma intenção de alterar a configuração das atribuições de gênero. Demonstraram mais uma preocupação em obter autonomia na

realização das atividades diárias que exigem *leitura*, visando acabar com os constrangimentos e a dependência de outra pessoa, do que romper com a relação de dominação/exploração/submissão (2002, p. 5).

Hoje seus maridos/companheiros aceitaram e até incentivam elas a permanecerem estudando. A maioria de seus/as filhos/as já alcançou a idade adulta, assim elas não precisam mais ficar em casa por conta deles/as, o que é mais uma questão a favor de retornarem/permanecerem estudando.

Como aponta Bastos, “essa volta responde a um desejo acalentado ao longo de anos, desejo de concluir uma formação escolar abandonada por razões, sobretudo, de ordem familiar [...] Assim, mais tarde [...] podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola” (2011, p.43). Isso é especialmente válido para a mulher que responde historicamente pelos cuidados e pela educação dos/as filhos/as.

#### **4.6.1 Incentivo à volta aos estudos**

Muitos/as receberam incentivos dos filhos/as, maridos ou amigos/as para esse retorno aos estudos. O apoio familiar (BASTOS, 2011) contribui com a permanência na escola e a continuidade dos estudos, além de trazer uma maior tranquilidade para que essas mulheres possam se dedicar aos estudos.

*MARA LÚCIA- Ai eu parei, ai agora meu filho disse ‘mãe, porque que a senhora não volta a estudar?’ Eu digo ‘acho que eu vou começar’.*

*LAURA- Voltei assim, com o incentivo dela aqui, da dona Mara Lúcia, né, e sempre eu achei que tinha que estudar mais um pouquinho pra aprender alguma coisa (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Diversos estudiosos/as (REIS, 2009 *apud* BASTOS, 2011) afirmam que a inserção, permanência e desenvolvimento dos/as estudantes da EJA tem uma ligação direta com os vínculos familiares e a rede social de apoio. As alfabetizadas ressaltaram que muitas vezes são os maridos, filhos/as ou amigos/as os responsáveis por incentivá-las a retornar e permanecer estudando.

#### **4.6.2 Exigências do trabalho**

Para poder começar ou permanecer no trabalho muitas pessoas procuram a EJA. Em uma das aulas uma alfabetizanda relatou o que havia acontecido em seu trabalho:

*RUTE- Um dia fiquei na venda sozinha, porque meu marido precisou sair. Ai eu vendi tudo errado, R\$20 por R\$10, R\$10 por R\$5. Quando meu marido chegou ele disse que assim eu ia deixar ele pobre [Diário de Bordo].*

Esse foi um relato que nos chamou a atenção e nos enfatizou a importância e relevância dos estudos para essas mulheres. A escola simboliza para elas uma oportunidade de inserção ou reinserção no mercado de trabalho. Estudar significa crescimento profissional.

#### **4.6.3 Vontade de aprender e melhorar a vida**

Muitos/as retornam aos estudos por vontade própria, por querer aprender e ir atrás de melhores condições de vida. Muitos/as sempre tiveram o interesse em estudar, mas devido às circunstâncias da vida não tiveram essa oportunidade até o momento.

*OLGA – Ai agora que eu vim acordar... [risos]. Que eu preciso estudar, sabe? Que eu preciso estudar. Ainda ta em tempo. [...] Porque eu achei interessante estudar, pra ver se vai pra frente, porque tem muito sentido né, assim, termina os estudos (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

*MÁRCIA - Ai agora, que o tempo passou, fiquei mais velha, foi que eu fui ver que o estudo faz falta, ne? Hoje em dia eu poderia estar trabalhando em um outro emprego, saber mais... Hoje em dia que eu me arrependi, né? [Diário de Bordo].*

Existem casos, como o da Márcia, que essa vontade de aprender é resultado de uma conscientização adquirida no decorrer da vida, de que o estudo é importante e que faz falta. Ela percebe essa necessidade hoje e por isso retornou à escola. A leitura e a escrita têm um grande significado para eles/as, independente de ser homem ou mulher, a alfabetização significa conquista, superação, melhores oportunidades e uma maior participação e inserção na sociedade.

#### **4.6.4 Surgiu a oportunidade/fase tranquila**

Outro fator que apareceu a partir das vozes dos alfabetizados e das alfabetizadas é que estudar na idade adulta é o sinônimo de uma segunda oportunidade. Pois agora com os filhos criados, estando algumas aposentadas, outras viúvas ou separadas, podem recuperar essa chance de estudar.

*LAURA - Ai agora surgiu a oportunidade, to na escola, né, pretendo ficar. Quero aprender mais um pouquinho. [Risos]*

*OLGA- Não, eu deixei pra agora, porque agora eu não tenho mais assim, tipo preocupação mais com os meninos, assim hora dessas eles ficam com o pai, ai... Ai já tão grande, já sabe se virar, né... Por isso que estimulei mais a vim, né.*

*MARA LÚCIA – Porque que eu voltei agora, agora que eu não tenho mais preocupação com criança né (Trecho da gravação em áudio realizada em 21/10/2014).*

Elas que deram prioridade à família e deixaram o sonho de estudar em segundo plano. Agora, com a independência dos/as filhos/as, reconhecem ser o momento certo de retorno.

Esse retorno pode ser visto como um recomeço, pois essas mulheres agora sem os filhos para criar, já sem trabalhar e algumas viúvas ou divorciadas, vêm na escola uma oportunidade de criar ou firmar laços e de superação. É uma forma de se sentirem ativas, de aumentarem a autoestima. Elas enxergam uma chance de sair de casa e continuar vivendo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo compreender como os alfabetizandos e alfabetizandas da Educação de Jovens e Adultos percebem as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas, buscou também identificar quais os desafios que a mulher estudante da Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização enfrenta para permanecer estudando, analisar como esses contribuem para as desigualdades educacionais de gênero, quais as causas de interrupção e retorno aos estudos e se as alfabetizandas se percebem nessa realidade de desigualdade.

Inicialmente foi discutido sobre gênero e como ele interferiu e ainda interfere na educação das mulheres. Foi ressaltado também o histórico da educação da mulher dentro da sociedade brasileira.

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre estudos que abordam a EJA e a mulher, e foram encontrados somente sete trabalhos publicados nos últimos cinco anos. O que deixou evidente a lacuna de estudos na área e a importância dessa pesquisa.

Foram realizadas observações-participantes durante três semestres (2º2013 a 2º2014), o que resultou em um Diário de Bordo, e foi feito um grupo focal na turma de alfabetização acompanhada no segundo semestre de 2014. A partir desses contatos e da atividade nos foi revelado diferentes e singulares trajetórias de vida que colocaram em relevo as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas; as percepções dos alfabetizandos e das alfabetizandas sobre a desigualdade feminina na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização; os desafios que a mulher estudante da Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização enfrenta para permanecer estudando; e se as alfabetizandas da EJA se percebem nessa realidade de desigualdade.

O estudo aponta que a condição feminina afeta as mulheres pesquisadas quanto às possibilidades e permanência de estudo, pois mesmo que as pesquisas afirmem que a mulher já conquistou o mercado de trabalho, cargos de poder e respeito, pesa muito socialmente o ser mulher em nossa sociedade. A mulher ainda

enfrenta muitas dificuldades que foram constituídas historicamente, pois é ela quem fica responsável pelos cuidados da casa, do marido, filhos/as e familiares.

Conforme se pode identificar nesse estudo, dentre os diversos fatores que contribuem com a interrupção dos estudos da mulher, os que mais aparecem são: casamento, criação dos filhos, proibição ou falta de incentivo dos pais/responsáveis, dificuldade/impossibilidade de ter acesso a uma escola, necessidade/obrigação de trabalhar ou desinteresse.

Várias mulheres de nosso estudo afirmaram que abriram mão de estudar por conta da família, o que envolve criação dos filhos, casamento, submissão aos maridos e a perda de algum familiar. Dessa forma, elas priorizaram a família e deixaram os estudos para uma segunda oportunidade. O que não aconteceu com nenhum dos homens de nossa pesquisa.

Muitos pais não incentivaram seus filhos/as a estudar, pois eles não enxergavam grande contribuição nos estudos, como a maioria dos/as participantes cresceu na roça, não tinha o porquê deles/as estudarem para cuidar dos animais e da terra. Como não viam nada promissor nos estudos, esses pais/responsáveis não os/as incentivavam, tiravam ou nem colocavam seus/as filhos/as na escola. Mas muitos/as fizeram com que seus filhos/as fossem trabalhar, porque ai sim eles/as viam contribuição.

Apareceram também vários/as pesquisados/as que não tiveram condições de estudar, seja por não ter uma escola por perto, ou por não ter como chegar até ela. Algumas das cidades que eles/as moraram tinham escolas somente com os anos iniciais, caso a pessoa quisesse dar continuidade aos estudos precisaria mudar de cidade, e muitos/as não tiveram condições para tal.

Algumas vezes o trabalho falou mais alto do que a escola, a necessidade de sustentar-se e/ou a família fez com que essas mulheres deixassem a escola em busca de trabalho.

E também tem os/as pesquisados/as que tiveram condições, acesso e até incentivo para estudar, mas não tiveram interesse, não enxergavam benefícios no estudo, e assim acabaram desistindo de ir à escola. O que enxergamos como uma

autoculpabilização do analfabetismo, mas vai muito além disso, pois por traz desse dito desinteresse existem outros fatores como: a falta de oportunidade e incentivo.

Sobre as causas de retorno aos estudos apareceram diferentes fatores como: incentivo por parte de filhos/as, maridos ou amigos/as, exigências do trabalho, a vontade de aprender ou o surgimento da oportunidade.

Algumas mulheres podem enxergar no retorno à escola um recomeço da vida, pois já não têm a preocupação com a criação dos filhos, algumas são aposentadas, e ainda existem algumas viúvas/divorciadas. Dessa forma, elas podem enxergar na escola uma oportunidade de recomeçar. Ressaltando que essa fase tranquila, com a independência dos filhos, contribui muito com esse retorno e permanência.

Sobre as dificuldades enfrentadas quando a mulher retorna às salas de aula o que mais foi enfatizado pelos alfabetizandos e pelas alfabetizadas foram as atividades domésticas. Muitas mulheres estudam, trabalham fora e em casa, assim enfrentam uma tripla jornada, o que dificulta bastante a permanência na escola. Os alfabetizandos e as alfabetizadas chegaram a discutir que essa dificuldade existe para o homem também, mas ainda assim é mais simples para ele, pois enfrenta uma dupla jornada (trabalho e estudo), já que as responsabilidades da casa ficam todas sobre a mulher.

Um instrumento utilizado na coleta e análise dos dados foi o vídeo Vida Maria, o qual contribui bastante com o estudo. O que mais chamou a atenção foi a identificação dos alfabetizandos e das alfabetizadas com o vídeo. O que intensificou mais essa identificação foi que a maioria dos/as que participaram da atividade veio do nordeste, e a história retratada no vídeo acontece também no nordeste. A partir disso surgiram diversos comentários que ressaltaram que o retratado no vídeo era real.

Após a exibição do vídeo os alfabetizandos e as alfabetizadas foram questionados mais uma vez sobre as dificuldades e diferenças entre o homem e a mulher, e mais uma vez o que foi ressaltado é o trabalho doméstico. Ou seja, eles/as percebem que esse é um fator dificultador. Portanto isso não está claro para eles/as, pois ainda no início da atividade, quando questionado pela primeira vez sobre as

diferenças entre homem e mulher na questão dos estudos, todos/as disseram que essa diferença não existe.

Ficou evidente de que o que ocorreu nos séculos XIX e XX aqui no Brasil sobre a educação da mulher, não deixou totalmente de existir, o homem ainda tem uma posição elevada em relação à mulher. A partir das leituras e dos dados coletados ficou claro que a ocupação às salas de aula por parte da mulher não deu fim as relações de gênero.

O estudo nos mostrou que as mulheres pesquisadas não se reconhecem nessa posição de desigualdade de gênero, mesmo tendo a ciência da tripla jornada que enfrentam e o quanto isso dificulta a permanência delas na escola. Essa é uma questão que nos chama a atenção e nos convida para que possamos aprofundar nossos estudos (na pós-graduação) acerca da condição feminina em nossa sociedade.



### PARTE III

#### PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

*“ ‘Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos’, declara o Senhor. ‘Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos; e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos’ “.*

*Isaías 55. 8 e 9.*

Estou muito grata e satisfeita com a conclusão desse curso. O que quero agora é colocar em prática tudo aquilo que vi, ouvi e já tenho até vivenciado. Inicialmente meus planos visam à docência, primeiramente em uma escola particular e posteriormente, com a abertura de concursos, chegar ao ensino público. Sendo que meu maior desejo é trabalhar com o ensino fundamental I, mais especificamente com o quinto ano.

Atualmente tenho também um grande desejo de fazer Letras-Inglês, isso devido ao meu gosto pela língua inglesa, pela vontade de aprendê-la cada vez mais e também porque tenho vontade de trabalhar com o ensino médio,

Pretendo fazer mestrado aqui na UnB, tenho o projeto de entrar no próximo ano como aluna especial na pós-graduação da FE.

Também quero continuar pesquisando e escrevendo. As oportunidades que tive durante minha graduação fizeram com que eu despertasse um grande interesse por isso. A Professora Maria Clarisse Vieira e eu já temos planos de escrever artigos no próximo ano. O Professor Renato Hilário dos Reis também sugeriu que eu escrevesse sobre o que vivenciei nesse último semestre (2º/2014) no Paranoá, onde acompanhei um alfabetizando iniciante com baixa audição.

Os planos são esses! Espero que eu possa estar envolvida e contribuindo cada vez mais com a educação do nosso país.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, G.; HOPPEN, N.; HAYASHI JUNIOR, P. Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. **Rev. adm. empres. [online]**, v. 53, n.6, p. 604-616, 2013.
- ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos - um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: (ORGS.), S. E. A. **Diálogos na educação de jovens e adulto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BASTOS, L. C. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA**. UFMG. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2011.
- BRASIL; EDUCAÇÃO, M. D.; EDUCAÇÃO, S. D. Brasil Educação e aprendizagem de jovens e adultos ao longo da vida. In: \_\_\_\_\_ **Documento Base Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)**. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFMG: 2009.
- CARVALHO, M. P. D. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009). **Bras. Educ. [online]**, v. 16, n.46, p. 99-117, 2011.
- FERNANDES, F. M. B.; MOREIRA, M. R. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis [online]**, v. 23, n. 2, p. 511-529, 2013.
- FERREIRA, A. T. B. Ler e escrever também é uma questão de gênero. In: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. D. (org.). **Desafios da educação de jovens e adultos – Construindo práticas de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71-88.
- FRANÇA, F. F.; CEZAR, K. P. L.; FELIPE, D. A. A co-educação dos sexos na escola pública brasileira: 1870-1932. **VII Jornada do HISTEDBR**, Campo Grande, Setembro 2007.
- GALVÃO, A. M. D. O.; DI PIERRO, M. C. Vivendo o preconceito e a condição de analfabeto. In: GALVÃO, A. M. D. O.; DI PIERRO, M. C. **Preconceito contra o analfabeto**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Cap. 1, p. 13 - 30.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres. [online]**, v. 35. n. 2, p. 57 - 63, 1995.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 10ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NARVAZ, M. G.; SANT'ANNA, S. M. L.; TESSELER, F. A. Gênero e Educação de Jovens e Adultos: A histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder. **DIALOGO (UNILASALLE)**, v. 23, n. 23, p. 93-104, 2013.

NOGUEIRA, V. L. Mulheres adultas das camadas populares: a especificidade da condição feminina no processo da busca de escolarização. In: \_\_\_\_\_ **III SEMANA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFMG. Anais da III Semana da Pós-Graduação da UFMG**. Belo Horizonte: 2002.

PEREIRA, A. D. S. **A construção social das mulheres de saquinho**: narrativas e cenas de pesquisa: d. Amélia e as memórias de escola. Natal: 2011.

REIS, W. D. C. **As políticas públicas em EJA sob a ótica das relações de gênero**. [S.l.]: SEDUC e UNEB, 2009.

RIEGER, M.; ALEXANDRE, I. D. J. Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 2. n. 2, p. 161 – 170, Ago/Dez 2011.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n.20, p. 71-100, jul./dez 1995.

SILVA, A. R. Mulher na EJA: Uma Análise da 'diferença' na Educação de Jovens e Adultos do Município do Rio de Janeiro. In: \_\_\_\_\_ **Fazendo Gênero 7**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SILVA, L. F. D. **Gênero e Educação**: Currículo e Formação de Professoras/es em Escolas Públicas do Distrito Federal. Brasília-DF: Monografia de Prática e Pesquisa II. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2012.

SOUZA, H. A. **A influência do programa DF Alfabetizado no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã - Um olhar a partir das vozes das Educadoras**. Brasília/DF: Monografia. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.

SOUZA, M. C. R. F. D.; CAETANO, C. S.; ROSA, S. F. **Educação de mulheres em situação de aprisionamento**: Reflexões sobre o perfil social e o direito à educação. 34ª Reunião Anual da ANPED. Pernambuco: 2012.

SOUZA, M. C. R. F. D.; FONSECA, M. D. C. F. R. **Relações de Gênero, Práticas de Cuidado e Educação de Pessoas Jovens e Adultas**. 31ª Reunião Nacional da ANPED. 2008.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, 2009.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB); FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE); COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA. **Projeto 4 - Diretrizes**. Faculdade de Educação - UnB, Brasília/DF, 2011.

WELLER, W. Relações de gênero e educação: mulheres ente o analfabetismo e a formação universitária na América Latina. In: \_\_\_\_\_ **Educação formal:** entre o comunitarismo e o universalismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 181-202.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### Roteiro Grupo Focal

- Funções: mediador, observador, operação de gravação.
- Objetivos:
  - Identificar as percepções e impressões dos/as alfabetizandos/as sobre o ser mulher na Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização;
  - Compreender os elementos que produzem essa desigualdade (razões das mulheres interromperem os estudos, retornaram e os desafios de permanecerem estudando).
- Temas: mulher, Educação de Jovens e Adultos:Alfabetização, desigualdade.
- Etapas: 1) apresentação da atividade 2)discussão 3) vídeo: Vida Maria 4)discussão tomando o vídeo como base 5)encerramento e agradecimento

1ª parte: Apresentar a atividade (qual o objetivo, como funciona) e distribuir o termo para assinatura.

2ª parte: Discussão

-Vocês acham que existe diferença entre homem e mulher quando se fala em estudar? Quais são essas diferenças/dificuldades?

- O que impediu vocês mulheres de estudar quando mais jovens? Por que vocês retornaram hoje?
- Quais são os desafios que a mulher enfrenta quando retorna aos estudos?

### 3ª parte

- Vídeo Vida Maria

### 4ª parte: Discussão com base no filme

- O que vocês acharam do vídeo?
- Vocês já viram algo semelhante acontecer com alguém conhecido? Se sim, relate resumidamente. O que aconteceu de semelhante?
- Vocês acham que existe diferença entre homem e mulher quando se fala em estudar? Quais são essas diferenças/dificuldades?

### 5ª parte: Agradecer e encerrar

Todos preencher:

- Termo de consentimento livre e esclarecido
- Informações pessoais (idade, sexo e onde nasceu).

- Material necessário: Cópias do termo, canetas, Datashow, caixa de som, gravador, cópias formulário com informações pessoais, computador.

## ANPÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



#### UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa: A condição feminina: percepções de alfabetizandos e alfabetizandas sobre as desigualdades de gênero na Educação de Jovens e Adultos

Aluna: Karla Nascimento Cruz

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clarisse Vieira

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a) do objetivo geral da pesquisa sobre a compreensão de como os alfabetizandos e as alfabetizandas da EJA percebem as desigualdades educacionais entre mulheres jovens e adultas matriculados na EJA, realizada por Karla Nascimento Cruz, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB nº 10/0014666, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clarisse Vieira.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, para isso será realizado um grupo focal com os alfabetizandos e as alfabetizandas de uma turma de alfabetização, que ocorrerá no período de aula dos/as estudantes, o que foi acordado previamente com a alfabetizadora da turma. A atividade será gravada em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo do meu nome e de todos/as os/as sujeitos participantes da atividade, como forma de preservar a identidade de cada um/a.

**Concordo em participar deste estudo.**

Local e data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do/a participante: \_\_\_\_\_

Telefone do/a participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do/a participante: \_\_\_\_\_

## APÊNCIDE C

### Transcrição Grupo Focal

No dia da atividade foram cinco estudantes, os nomes apresentados são fictícios.

\*Uma observação importante, seu Ezequiel tem dificuldade na fala e baixa audição.

ALFABETIZADORA ESTELA- Hoje a aula vai ser com a Karla. Ela trouxe algumas coisinhas no papel aqui pra gente. Ela vai falar sobre a mulher na EJA, na alfabetização. Então ela vai ter umas perguntas, que ela vai fazer ou eu, e ai a gente vai discutir. Depois a gente vai assistir um videozinho lá do Ceará, bem interessante! [risos] Tão bom se tivesse vindo mais gente. Acho que a Luciana tava trabalhando. Deve estar com medo de chuva.

KARLA- Então deixa eu começar. Boa noite!

TODOS – Boa noite!

KARLA- A professora Estela falou, meu nome é Karla, eu sou estudante da Universidade de Brasília, eu faço um curso lá. E hoje eu vou fazer uma atividade com todo mundo, diferente.

(Seu Ezequiel não estava ouvindo)

### 1ª PARTE DA ATIVIDADE

KARLA- Ah, então eu vou falar alto. Olha, eu sou a Karla, estudo na Universidade de Brasília, faço o curso de Pedagogia, pra ser professora. Eu to terminando o curso, o curso são de quatro a cinco anos, eu to no final. E pra gente terminar, a gente precisa fazer um trabalho, que chama monografia. Acho que vocês já ouviram falar. É um trabalho bem grande, ai a gente escolhe um tema que interessa, que no meu caso é a educação de adultos, e ai a gente pesquisa alguma coisa desse tema, eu to

pesquisando sobre a mulher na Educação de Jovens e Adultos. Então eu li muita coisa, é... pesquisei e estou escrevendo. E agora para eu terminar meu trabalho eu tenho que fazer uma atividade que chama grupo focal. O que é grupo focal? É um grupo que discute, que vai conversar sobre determinado tema, que no caso é a mulher na Educação de Jovens e Adultos. E aí a proposta é, eu tenho algumas perguntas pra fazer, é tipo uma entrevista, é uma coisa bem... não é resposta certa, resposta errada, não, é a opinião de vocês, a vivência de vocês, é bem tranquilo! E aí eu preciso fazer isso. Vocês, aí eu preciso saber se vocês aceitam?

OLGA- Aceito!

KARLA- Fazer essa atividade com vocês? É uma conversa e eu quero saber a opinião de vocês, sobre a mulher na Educação de Jovens e Adultos. Eu vou fazer a pergunta e vocês vão responder. Aí eu preciso gravar o áudio, não vou gravar imagem, só a conversa de vocês. E eu preciso da autorização de vocês, para eu fazer esse trabalho e poder escrever sobre. Não vou falar o nome de ninguém, não falar “Ah... a Dona Mara Lúcia”, não! Vou falar “A Alfabetizanda...”, nem vou falar que é aqui a escola, do jeito que é.

MARA LÚCIA- Ah, mas se vocês quiser colocar!

[risos]

OLGA- É, depois fica famosa, né?!

[risos]

KARLA- E aí eu preciso que vocês assinem aqui, que está tudo OK. Pra falar que eu não fiz contra a vontade de alguém, que a pessoa falou não e aí eu fiz. Já que vocês estão aprendendo a escrever o nome, eu preciso da assinatura de vocês.

[...]

KARLA- Então é o seguinte, a gente vai ter três momentos rapidinhos. O primeiro momento é a discussão, eu quero saber opinião de vocês, vou fazer três perguntas e vocês vão responder. Depois vou passar um vídeo, é um desenho, ele tem nove minutos, é bem rapidinho também, e depois a gente vai falar um pouco sobre o



vídeo. Então, essa atividade que a gente vai fazer, que chama grupo focal, ela tem algumas regras pra caminhar bem, por exemplo, todo mundo precisa participar, não pode ser só uma pessoa que vai ficar falando, eu quero ouvir a opinião de todo mundo. Então todo mundo tem que participar. Outra coisa que é interessante é que a gente preste atenção, que não fique falando com quem está do lado, enquanto o assunto está acontecendo. E um falar de cada vez, né? Pra não, não misturar. E é isso, é bem tranquilo. E eu quero saber a opinião de vocês, eu não vou falar minha opinião e nem a professora, a gente pode falar no final, mas agora a gente quer a opinião de vocês. Alguma dúvida? [pausa] Se tiver alguma dúvida pode me perguntar, é bem tranquilo. Então, a primeira coisa que eu quero saber de todo mundo é, o que aconteceu que vocês ou não começaram ou não concluíram os estudos quando era criança, quando era adolescente, o que aconteceu que você não conclui os estudos?

[Duas alfabetizandas começam a falar ao mesmo tempo]

MARA LÚCIA – Eu não terminei porque nós morava na roça, né? Eu morava na roça, na casa do meu pai tinha muita gente, então a gente trabalhava e cuidava de animais, então aquilo ali tudo... Mexia com a cabeça da gente, né? Então ai depois eu fui muitas vezes pra escola e não consegui passar nem...

KARLA- Ah, a senhora começou a estudar?

MARA LÚCIA- comecei, ai assinava só meu nome, ai depois parei muitos anos, ai depois voltei a estudar. Quando eu tava começando a fazer o ditado eu adoeci, ai eu parei. Ai depois meu pai falou que a gente não ia estudar mais, porque era a noite e era longe, ai eu parei. Ai parei. Ai quando foi 200...6, 2004, ai eu comecei aqui na escola de novo. Particpei acho que uns três meses, mas ai a professora me botou numa sala com muita gente... e ai não deu pra eu pegar nada, ai eu sai.

KARLA- 2005? 2003?

MARA LÚCIA- É 2003, ai eu parei, ai agora meu filho disse ‘mãe, porque que a senhora não volta a estudar?’ Eu digo ‘acho que eu vou começar’ [...] ai disse vou voltar e voltei. Ai conheci ela também (alfabetizadora) [risos] né? E eu to gostando,

to indo, já to fazendo alguma coisinha, conheço as letras, não sei juntar bem as letras, mas já to fazendo alguma coisinha [risos].

KARLA- E você Olga?

OLGA- Eu foi falta de interesse. Falta de interesse mesmo. Porque na época que a gente estudava, assim meu pai e minha mãe não incentiva, vai pra escola né? Ai com minha falta de interesse e eles não mandaram, ai eu não, nunca me liguei. Fui até a quarta série e a professora da gente casou, ai que eu não me interessei mais.

KARLA- Ah, você fez até a quarta série?

OLGA – Até a quarta série. Ai a minha professora casou, ai foi falta de interesse total. Não me liguei. Ai agora que eu vim acordar... [risos]. Que eu preciso estudar, sabe? Que eu preciso estudar. Ainda ta em tempo.

KARLA- Mas ninguém te proibiu? Foi uma coisa que você não quis?

OLGA – Não. Não. Ninguém me proibiu de estudar. Foi falta mesmo de interesse mesmo.

KARLA- E você Laura?

LAURA – Eu estudei, mas assim, é foi pouco, morava na roça. E quando eu tinha 12 anos, ai a gente era sete irmão, ne? Ai minha mãe faleceu.

KARLA- 7 anos? Sete irmãos...

LAURA- Não. Sete irmãos. Eu tinha 12 anos. Ai eu parei tudo pra criar meus irmãos.

ALFABETIZADORA- 12 anos é?

LAURA- Sim. Quando minha mãe faleceu. E ficou uma irmãzinha com seis meses.

KARLA – você era a mais velha?

LAURA- era a mais velha.

KARLA- ai depois?

LAURA – Ai fomos crescendo, né, é criei meus irmãos, essa irmãzinha de seis meses ficou, eu criei ela pro meu pai. E ai não tive mais, assim... As vezes ia na escola, as vezes estudava um mês, estudava um mês, outras vezes passava na roça, era assim... Nunca tive muita oportunidade de estudar. Ai quando fiquei grande, ne, ai, não quis saber [...], fui inventar de com de 18 anos me casei, fui criar meus filhos, ai criei, ai agora surgiu a oportunidade, to na escola, ne, pretendo ficar. Quero aprender mais um pouquinho. [Risos]

KARLA- ótimo! E o senhor seu Moacir? O senhor lembra da pergunta? O que impediu o senhor de estudar quando era criança, quando era adolescente?

MOACIR- Lá no Ceará, na minha época não tinha oportunidade ne, não tinha colégio, lá, eu nasci no Ceará, mas me criei no Piauí, lá no Ceará na minha época não tinha escola, eu vim pro Piauí, ai eu acabei de me criar lá, mas lá também, nunca, me incomodei de estudar. Vim pra cá em Brasília em noventa e... Em oitenta... No finalzinho de oitenta e seis oitenta pra oitenta e sete. Aqui eu estudei até a terceira serie, mas... A professora não... Não colocava eu pra assinar nome nem nada... Nem o nome eu sabia assinar. Assinava o Moacir... Errado ainda. Lá no Ceará eu estava trabalhando tudo, não tinha escola pra estudar nem nada. Aqui em Brasília... Eu trabalhava e estudava até a terceira série, mas não aprendi nada. Não sabia nem assinar meu nome, agora já sei, a dona Estela desde, desde do ano passado que ela me adura [risos]... E eu falei não vou, que eu não aprendo nada, não sei o que... Ela falou vem você aprende, aprende... Agora, eu digo eu vou. Eu custo dar um decisão, mas quando dou [...].

KARLA- não volta atrás ne?

MOACIR- é. Não volta atrás. Ai agora to gostando, já to assinando meu nome, já to aprendendo [...] e... Pretendo estudar ate aprender... Mudar minha identidade e aprender as palavra.

KARLA- Ta bom, ta certo! E o senhor seu Ezequiel? O aconteceu que o senhor não terminou de estudar quando era criança, quando era adolescente? Que que atrapalhou o senhor a estudar? Quando o senhor era jovem, quando era criança, quando era adolescente. Porque que o senhor não estudou?

EZEQUIEL- é... E até quando eu era da idade de seis anos, eu comecei a estudar, ai... Ta bom... [...] mas ai depois minhas tia tiraram eu da escola, ai eu fui trabalhar, ai fiquei sem estudar. Ai veio embora aqui pra Brasília, ai fiquei... Sem... Sem saber se precisava ne... Ai agora to... [Risos]

KARLA- agora voltou?!

EZEQUIEL – é. Ta aprendendo um pouco, ta. Se a pessoa não sabe conversar, ne... é difícil, ne? [Risos]

KARLA – então tá, agora a segunda pergunta, mais direcionada pra questão da mulher mesmo.

[Sr Ezequiel conversa com a Alfabetizadora]

KARLA – Quais que, a segunda pergunta, quais que são os desafios que vocês pensam, pra mulher quando ela volta a estudar? Ou não tem desafio? Tem? Qual?

MARA LÚCIA- Assim, é que a gente fica assim meio tímida, meio sem saber assim, fica assim meio com vergonha, conversar, de saber fazer as letra.

KARLA- Mais alguma coisa?

OLGA – eu não tenho vergonha.

MARA LÚCIA- eu tenho!

OLGA – mas as vezes eu tenho medo de, das dificuldades ne. Porque acho que na época nossa pra agora, é bem diferente ne, o aprendizado. É diferente. Um pouquinho de dificuldade, mas...

KARLA – mas não a dificuldade na aula assim... Uma coisa que pode atrapalhar vocês virem pra aula, vocês continuarem estudando?

Não...

KARLA- não? Por exemplo, você tem filho ne, Olga? Você acha que algum dia te atrapalhou/ pode te atrapalhar?

OLGA – Não. Só se for caso de emergência ne?

KARLA – mas eles já são grandes?

OLGA – são. Tem nove e quatorze.

KARLA- você acha que quando eles eram menores, uns dois anos, um ano, você daria conta?

OLGA- não. Tanto que eu comecei a trabalhar depois deles grande. Eu não deixava eles com ninguém. Então eu não tinha nem como.

KARLA- o que o senhor acha seu Moacir? Existe algum desafio pra mulher quando ela volta a estudar? Alguma coisa que pode atrapalhar a mulher vim estudar? Não aqui, aprendendo... Mas pra ela vim, pra continuar... Alguma coisa na vida dela pode atrapalhar?

MOACIR- eu acho o seguinte, quando a mulher casa e tem filho pequeno, ela se dedica mais a criar os filho, criar os filho, tem que, tem que trabalhar, tem delas que bota os filho na creche, tem que trabalhar, cuidar, pagar, pra pagar, pagar creche, pra cuidar. Eu acho que é difícil pra, pra mulher, sabe? Assim no inicio, que tem família, eu acho que é difícil.

ALFABETIZADORA- Pra pagar aluguel, ne? Tem que trabalhar, pra cuidar dos filhos.

OLGA- é!

MOACIR- é tem que trabalhar, pra pagar creche, pra cuidar dos filho.

ALFABETIZADORA- nem todos têm sua casa...

MOACIR- nem todos têm a casa, pra, pra pagar aluguel, eu acho que é difícil.

KARLA- Que o senhor acha seu Ezequiel? Que o senhor acha?

EZEQUIEL- [risos] Eu vou ficar quieto, não sei...

MOACIR- não, tem que falar, tem que falar!

EZEQUIEL- não, você é assim de muitas coisa, de conversar, eu não...

MOACIR- [risos]

KARLA- o que a senhora acha dona Laura?

LAURA- eu acho assim, que quando a gente tem os filhos é pequeno, muita coisa atrapalha, ne? Que você não pode sair, ne, você tem que cuidar, dedicar mais eles ne. Hoje não, hoje eu sou mais liberal, que já ta todo mundo grande, já ne, pra mim já não me atrapalha mais em nada.

[...]

KARLA- mais ninguém? Então a ultima pergunta agora antes do vídeo. Vocês acham que existe diferença entre o homem ou a mulher na questão de estudar?

MARA LÚCIA- não.

KARLA- não?

MARA LÚCIA- Não, tem diferença não.

KARLA- não?... É a mesma coisa tanto pra mulher quanto pro homem?

MARA LÚCIA- eu tenho, eu acho que é.

MOACIR- é... Porque o homem também tem a responsabilidade da família... O homem quando casa tem que cuidar da mulher, dos filhos [...].

Olga- mais pro homem é mais fácil. Porque a mulher se dedica mais a casa do que o homem. Então acho que pro homem é mais fácil. De estudar ne.

[...]

MOACIR- mas não é bem assim fácil não, porque...

Olga- mas é!

MOACIR – Porque tem que trabalhar pra pagar aluguel... Quando tem a família...

[...]

MARA LÚCIA- mais quando chega a noite ne, fica difícil, pra mulher fica mais difícil ne, a mulher tem que lavar, cozinhar [...] tem monte coisa pra fazer

OLGA – dependendo do emprego do homem também ne? Se chegar cedo da pra ele estudar, se ele não tem um bom estudo... Se quiser estudar, se chegar cedo, eu acho... Até melhor que a mulher.

[...]

[Risos]

MARA LÚCIA- Eu tem vez que venho e deixo a cozinha lá toda desarrumada. Quando eu chego lá eu [...] tem que ser assim, se não for assim não vem.

OLGA- é verdade.

MARA LÚCIA- Seu eu for encarar essa louça, porque eu trabalho, se eu for dizer assim eu vou chegar aqui minha cozinha [...] se for fazer, não vem não. Ai eu esquento minha comidinha, como e venho me embora. To nem ai, quando eu chegar eu faço. [Risos] Tem que ser assim. Se não, não faz...

## 2ª PARTE DA ATIVIDADE

KARLA- O vídeo é bem rapidinho. É deixa eu só explicar, esse, o vídeo que eu vou passar ele é uma animação, é um desenho, não é pessoa real. Ele foi feito lá no Ceará, a pessoa que produziu é de lá do Ceará, e ele vai contar a história de uma menina, a menina chama Maria José, ela mora no nordeste. Uma pergunta: Todos aqui vieram do nordeste?

OLGA- Eu sou do Ceará

LAURA – Goiás

MARA LÚCIA – Pernambuco

MOACIR – Eu nasci no Ceará, mas me criei no Piauí.

EZEQUIEL- Paraíba

KARLA- Então, ela é uma menina que nasceu lá no nordeste.

ALFABETIZADORA- Aqui ó, (aponta pro quadro) Vida Maria.

KARLA- É o nome do vídeo, é Vida Maria.

[comentário sobre a escrita]

ALFABETIZADORA – Agora ó, toda atenção aqui ó (aponta pra televisão), depois vocês vão falar.

Inicia o vídeo.

KARLA- Vida Maria que está escrito.

KARLA- Aqui está escrito Maria José. É o nome da menina, ela escreveu no caderno o nome dela.

MOACIR- Ta aprendendo...

KARLA- é ta aprendendo!

[...]

ALFABETIZADORA- Na janela... [risos]

[...]

Vídeo – Maria José. Ohh Maria José, não ta me ouvindo chamar não, Maria? Tu não sabe que aqui num é lugar pra tu ficar agora. De vez ficar perdendo tempo desenhando o nome, vai lá pra fora arranjar o que fazer, vá! Tem o pátio pra varrer, tem que levar pros bicho, vai menina! Vê se tu me ajuda, Maria José.

MOACIR- Eita!



[risos]

[...]

[Fazem comentário sobre a dificuldade da água no nordeste.]

Vídeo – -Bença, pai! -Deus abençoe! -Bom, Maria? -Tudo bom, Antônio. –Me de aqui, deixa que eu levo. –Precisa não, Antônio.

[Risos]

ALFABETIZADORA – Casinha igual lá em casa, olha.

[Risos]

[Comentários sobre o pilão.]

EZEQUIEL- é, já pilei muito arroz.

Vídeo- -Bença, mãe. – Bença, mãe. – Bença, mãe. – Bença, mãe. - Bença, mãe. - Bença, mãe. –Deus abençoe, Deus abençoe.

[...]

Vídeo- Lurde! Oh Lurdes! Oh Lurdes! Ooh, Lurdes, você não ta me ouvindo chamar não, Lurdes? Não sabe que aqui num é lugar tu pra ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo, vá lá fora arranjar o que fazer, vá. Tem o pátio pra varrer, tem que levar água pros bicho. Vai menina! Vê se tu me ajuda, Lurdes.

[...]

KARLA- Aqui está escrito Maria de Lourdes, ela estava aprendendo a escrever o nome dela.

KARLA-Aqui Maria Jose, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria das Dores, Maria da Conceição, Maria do Carmo.

MOACIR- Só mulher?!

### 3ª PARTE DA ATIVIDADE

Comentários: “tava bom”, “foi curto”...

MARA LÚCIA- muito interessante

MOACIR- é, é real isso ai, sabia?

MARA LÚCIA- oxi, mas é.

MOACIR- é real sim!

KARLA- é o que?

MOACIR- é real

KARLA- real?

MOACIR- é. É muitas das vezes a gente não tem a oportunidade de estudar. Ai os pais, ai os pais nessa época era carrasco. Só botava a gente pra trabalhar...

MARA LÚCIA- [...]

MOACIR- a maioria, ne?

MARA LÚCIA- [...]

MOACIR- meu pai ele me levava pra, com cinco anos de idade, ele comprou uma foicinha pequenininha pra mim e ele me levava pra roça mais ele, com cinco anos de idade. Diz que não era pra ficar em casa pra, pra num ficar brincando, brincando, porque eu era terrível [risos] ele me levava. A minha mãe brigava com ele, eu lembro, minha mãe brigava, “tu não vai levar esse menino pra, pra roça, fazer o que? Ele não faz nada” “hmm, pelo menos eu to vendo” eu dormia lá de baixo das [...], moço, eu dormia. É, com oito anos de idade eu assumi minha vida, com oito anos de idade.

KARLA- então, o que vocês acharam do vídeo?

MARA LÚCIA- É a pura verdade!

MOACIR- é tudo é verdade.

MARA LÚCIA – pura verdade da vida da roça, é daquele jeito! Quando amanhecia o dia, num tinha água, nós tinha que buscar água a dois quilômetros, as vezes até mais.

KARLA- dois km?

MARA LÚCIA- é. Ai ela tinha água dentro do quintal, mas nós não tinha isso...

MOACIR- eu botava aqueles, como que fala, um negócio de pau, botava uma lata na frente a outra atrás, lata cheia de água quase [...].

MARA LÚCIA – mas tinha o nomezinho que chamava?

[comentam sobre esse instrumento de carregar a água]

MARA LÚCIA- no tempo de seca, eu lembro, nós buscava água, eu acho que era uns quatro km, ou era cinco. Saia 10, 15 pessoa, ai quando nós chegava lá, o homem lá se chamava Cido. E era num lugar chamado assim jardim, então era uma cacimba, a gente descia uns cinco metro de chão abaixo. Ele enchia as vasilha de noite, os filho, na casa dele, pra água o dia ser da gente, a cuinha não era maior que isso aqui, só aquela pocinha de água. Você tirava uma quanta tava na lata já tinha outra, ai ele enchia 10, 12 lata. Veio 12 pessoas, saia 12 latas de água. [...] A outra enchia até, completar aquelas pessoa, pra sair aquela fila de gente, com água na cabeça. Tomava banho de 8 em 8 dias.

[Risos]

MOACIR- misericórdia!

MARA LÚCIA- É, não vou mentir. Ai de noite que a gente pegava um pouquinho daquela água e lavava os pés, quando chegava da roça, lavava as mãos o rosto e pronto. O banho só era no sábado.

MOACIR- misericórdia!

[...]

MARA LÚCIA- E quando era no dia de sábado, que era pra tomar banho, ai o homem ainda fazia um cantinho lá, pras pessoa tomar banho, pros homem não ficar reparando, ai quando era no sítio desse homem a gente tomava banho de confiança, porque sabia que não tinha ninguém olhando. Ai quando era outro lugar, que a gente tomava banho, a gente ficava com medo de os homem ficar olhando, a gente tomando banho.

ALFABETIZADORA- ate violentar... Você ta lá toda desprevenida ai sai correndo pelada.

MARA LÚCIA – ai não, mas lá nunca aconteceu isso, mais sempre a gente vinha falava, ‘ah, fulano viu fulano tomando banho’. Ai a gente se prevenia né?

KARLA- é a senhora, dona Laura? O que a senhora achou?

LAURA- interessante! Aonde assim que a gente morava, igual eu tava falando, só não tinha água encanada em casa, mas tinha muita água assim perto, os rios cheios, tinha muito rio perto, ai tinha, o que eles fazia assim o rego que passava assim no fundo da cada da gente, e a gente plantava feijão, plantava horta...

ALFABETIZADORA- um canal, ne?

LAURA- é, tipo um canal que eles fazia assim na terra, que saia irrigando as plantaçoão, então não foi muito difícil assim com água não. Mas fazia tudo a mesma coisa, pilava arroz, café, tudo no pilão.

MARA LÚCIA- [fala de quando vai ao Pernambuco, pega pau-de-arara e vai visitar os irmãos].

[...]

KARLA- Deixa eu fazer a outra pergunta, alguém aqui conhece alguém que passou por uma situação parecida, ou a própria pessoa passou? Igual no caso da Maria

José, ela quis estudar, ne, começar a aprender, mas a mãe... Dela proibiu, ne, mandou ir trabalhar...

MARA LÚCIA- Eu conheci uma prima da gente, que a mãe dela morreu e ela ficou criança e ela foi criada pela irmã, então ela era naquela época desse assim, ela aprendeu assinar o nome dela por teimosia, que quando a irmã dela tava na roça, ela ia lá pegava o caderno fazia o nome, ela era muito inteligente que ela aprendeu a ler sozinha, ela pegava o livro da irmã dela e ela fazia. E a irmã dela ainda batia nela.

KARLA- Mas ninguém aqui passou por isso?

MARA LÚCIA- Não eu não passei, eu vi essa prima passar.

KARLA- A dona Laura foi parecido, ne, ela não foi proibida, mas...

LAURA- Não, não, foi por causa da perda da minha mãe, a necessidade mesmo, porque ela colocou a gente na escola, eu estudava ne, quando não era um tempo de estar na roça, a gente estava em casa, a gente passa era mês, mas quando a gente estava em casa a gente ia pra escola direitinho, mas quando passava um mês na roça... Mas ai depois que ela morreu eu deixei de estudar, pra cuidar dos meus irmãos. Hoje, hoje eu vejo que eles me consideram assim tanto, que eles consideram que eu sou a mãe deles mesmo, nós somos muito unidos, nós somos sete irmãos, é raro o dia que eles não me ligam, “e ai, você está bem?”.

KARLA- eles moram aqui?

LAURA- Mora, tem um que mora aqui em Brazlândia, mora tudo aqui em Brasília, tem um em Taguatinga, tem uma na Asa Sul, Recanto das Emas.

KARLA- Tá! Depois de ver esse vídeo, vocês acham que agora tem diferença entre homem e mulher ou ainda é a mesma coisa? Ou pra mulher é mais difícil? Ou pro homem é mais difícil? Pra estudar...

MARA LÚCIA- pra mulher é mais difícil por conta da luta da casa, ne.

KARLA- quando a senhora fala a casa, o que é?

MARA LÚCIA- A casa é você chegar em casa e tá, você fez comida pra muita gente, pra quatro, cinco pessoas, ta aquele monte de louça, ne. Que é meu caso lá em casa, eu trabalho na feira, ai a minha filha ela chega em casa, ela é uma pessoa assim muito fraca, ela é difícil, então eu chego em casa e ta aquele montão de louça, pra lavar. Ai quando eu chego que não da tempo, você quer saber eu vou fazer outras coisas, ai eu vou tomar um banho, eu como um pouquinho, eu como um pouquinho de comida e deixo lá aquele tanto de louça, quando eu chego ela ta lá morrendo de dor de cabeça. Ai eu digo deixa isso ai, que eu lavo, quer saber [...] então pra dona de casa é mais difícil, porque se eu fosse reparar... A casa, a cozinha eu não vinha pra escola.

KARLA- e a senhora ainda trabalha na feira também?

MARA LÚCIA- Trabalho na feira, eu vou pra feira sete horas da manhã, agora eu to fazendo caminhada eu levanto seis horas, faço café, seis e meia e vou fazer caminhada, ai quando é 7:15 eu to chegando em casa, ai é só pegar aquele carrinho e ó, ir pra feira. Ai lá pelas 9h a minha filha vai, que ela vai pro CEASA e vai fazer comida, ai quando é 13h eu volto pra feira e desço só quando é uma 17h30.

ALFABETIZADORA- Ai a sua filha que fica lá né?

MARA LÚCIA- é ela vai [...] mas tem dia quando ela, ela vem da Asa Norte, tem dia que quando ela não vai cedo ai fecho a feira mais cedo e desço, ai não faço nada, e só chegar em casa e tomar um banho e nem olhar pra trás.

[risos]

KARLA- mais alguém? Então pra fechar, a última pergunta, eu quero saber por que que vocês voltaram a estudar? E por que voltaram a estudar nessa época, agora, na época que vocês estão vivenciando agora. Vamos na ordem agora, Olga, por que você voltou a estudar?

OLGA – [risos] é por causa da professora também, e..., porque eu achei interessante estudar, pra ver se vai pra frente, porque tem muito sentido ne, assim, termina os estudos, ai porque eu fico falando ‘ah que eu já to, já to velha’, [risos] ai tem gente que fala assim ne, nada é impossível ne.

KARLA- ta velha não [ela é a mais nova da turma]!

MARA LÚCIA – como diz, papagaio velho não aprende a falar.

OLGA – Ai ta sendo... Ai tem dificuldade.

KARLA- Qual dificuldade?

OLGA – querer desistir... Ai o cansaço do trabalho...

KARLA- você trabalha fora?

OLGA- Sim. Ai eu chego em casa, arrumo a casa, tem que cuidar dos meninos, fazer uma coisa para comer. Ai acaba... Estou aqui, estou indo, né? [risos]

KARLA- Mas por que voltou agora? Por que você não voltou antes? Ou deixou mais pra frente?

OLGA- não, eu deixei pra agora, porque agora eu não tenho mais assim, tipo preocupação mais com os meninos, assim hora dessas eles ficam com o pai, ai... Ai já tão grande, já sabe se viram, ne... Por isso que estimulei mais a vim, ne.

KARLA- e a senhora dona Laura? Por que a senhora voltou a estudar?

LAURA- não, voltei assim, com o incentivo dela aqui, da dona Mara Lúcia, ne, e sempre eu achei que tinha que estudar mais um pouquinho pra aprender alguma coisa, porque assim eu não sei muito, mas eu não me perco assim, de sair qualquer lugar daqui dentro de Brasília e pega um ônibus errado, isso não acontece comigo, eu sei ler o numero dos ônibus, assim ne... Mas eu acho que já tava na hora de aprender mais um pouquinho, ai agora pretendo continuar.

KARLA- E por que que a senhora voltou agora? Não voltou antes ou deixou mais pra frente?

LAURA- Não porque... Sei lá... Eu estava acomodada ali né...

KARLA- estava mais tranquila?

LAURA- é, ai num tava faltando incentivo, ne, ai quando chegou a hora... Ai eu to aqui.

KARLA- e a senhora trabalha fora?

LAURA- não, cuido duma neta, dois neto, ai eu fico com um na parte da manhã e a outra ta na escola, ai quando uma chega, minha menininha chega, ai o outro vai pra escola. Ai o pai deles me ajuda, ne, o que era pra eu sair pra fora pra trabalhar o pai deles me da, meu filho me dá. Ai de em vez ele pagar uma pessoa de fora pra cuidar, ai ele...

KARLA- paga pra avó!

LAURA- paga pra avó. [risos]

KARLA- confiável, né?

MARA LÚCIA- é uma ajuda ne?

LAURA- é, eles me ajuda muito, ne.

KARLA- e a senhora Mara Lúcia? Por que que a senhora voltou a estudar?

MARA LÚCIA – Porque que eu voltei agora, agora que eu não tenho mais preocupação com criança ne, dizer assim, não, eu não vou pra escola porque não tem com quem deixar ne. Ai eu tenho que saber alguma coisa. Ai eu viajo de vez enquanto, você passa em uma cidade você não sabe o nome da cidade, você tem que ficar perguntando os outros, ne, que cidade é essa? Que cidade é essa?

KARLA- precisa ter vergonha não.

MARA LÚCIA- não, mas as vezes a gente fica ne. As vezes aquela pessoa ta de mau humor e ainda joga uma piadinha, ‘não sabe ler por quê?’ Um outro dia uma mulher falou isso comigo, ai a gente fica com vergonha, por causa da resposta que você vai ter... Ai eu digo quer saber de uma coisa, ai meu menino falou, mãe por que que a senhora não vai estudar? Ai eu passo todo dia na porta desse colégio, quatro viagens. E eu vi na televisão. Ai você quer saber de uma coisa, ai quando eu fui lá no Ramos, Professora, o que, que eu pensei que tinha que ter documento, que de



primeiro tinha, se tinha que ter foto e tudo ne, ai eu perguntei o que precisa para ir pra escola, e ela disse, só do caderno e do lápis. Ai pronto eu comecei. Ai quando eu vim, vim outro dia, ai minha filha disse, 'porque a senhora não chama a Laura?' 'Laura, vamo estudar?' 'Sei lá...' Digo 'vamo mulher'. [Risos] 'Se tu não gostar você deixa, é tão interessante, é tão animado'.

KARLA- vocês são vizinhas?

MARA LÚCIA – sim. 'Se tu não gostar, tu para!' E veio e não parou mais.

KARLA- E o senhor seu Moacir, por que o senhor voltou a estudar?

MOACIR- vixe! É porque antes eu... Eu passei muita, eu passei muita humilhação. Lá no meu serviço mesmo tem duas pessoas que me humilhou demais, isso dai me machucou demais, ela conhece (alfabetizadora), um foi o Osnir e o outro o Regis, eu ate levei lá em cima pra minha patroa da uma chamada neles. Porque fui humilhado demais. Que eu assinava alguma coisa...

MARA LÚCIA- Só com o dedo ne?

MOACIR- com o dedo, com o dedo. Ai uma vez eu tava no balcão... E eles disse que eu não podia ficar ali que eu não sabia ler... Que eu era é analfabeto, ai eu disse, o, eu vou chamar a atenção, eu vou lá na dona Leide. Porque não pode, vocês, é não pode me ofender. Ai a dona Leide mandou chamar eles na hora.

Leide- chama o Regis lá pra mim. Regis porque o senhor humilhou seu Moacir?

Ai ele falou é não sei que.

Regis- Não precisava me chamar.

Leide- Precisava! Se ele quiser te prejudicar ele te prejudicava. Então você é contra meu pai e minha mãe, meu pai e minha mãe não sabe nem escrever o nome eles sabe, então você é contra nossa família, se ele quisesse te complicar ele te complicava, mas ele não é disso. Ele acho que, que chamar você pra conversar aqui... E que se ele te levasse na justiça você tinha que pagar uma coisa pra ele.

Ai ele me pediu perdão não sei o que... Eu fui muito humilhado, moço, muito humilhado. Ai eu não sabia assinar o nome, assinava com o dedo, isso ai pra mim era... Assinar o meu nome Moacir era ruim de mais. Ai agora eu já passei na cara dele, eu passo mesmo, eu passo mesmo. Ai um já saiu. Ai assinei meu nome num pedaço de papel, Regis, ó, agora num sou mais analfabeto não, e ele não fez nem de conta, moço, fez nem de conta, fez nem de conta. Ainda falta o outro que eu vou passa na cara dele qualquer dia. Ai é muito humilhado.

KARLA- Ai o senhor voltou por causa dessa situação?

MOACIR- não, e outra que eu quero tirar minha identidade, botar o nome da minha identidade, e pretendo tirar... Minha carteira de motorista também.

MARA LÚCIA – tem que estudar.

MOACIR- é tem que estudar, tem que estudar. E eu sei dirigir. La em casa a gente não tem um carrinho, porque... A minha esposa tem, o carro dela tem que ser adaptado, ela é deficiente, mais ai... É por causa disso... E os pastores também, meus pastor, um, jogou na minha cara que cavalo véi, cavalo véi não aprende mais nada... É fui muito humilhado, meu filho, muito humilhado.

MARA LÚCIA – e se a pessoa quiser aprender a ler, a minha sogra com quase 80 anos, não aprendeu a assinar o nome?!

MOACIR- eu coloquei no meu coração que eu vou aprender a ler a Bíblia e eu ainda vou pregar na igreja dele ainda, vou prega...

KARLA – Ai o senhor chama a gente!

MOACIR- ai eu vou pregar na igreja dele, pra ele deixar de...

MARA LÚCIA – mas ai é só o senhor pedir a Deus.

MOACIR- Mas é, eu sou assim.

KARLA- mas tem muita gente, que age... Besteira né... Gente que não pensa antes de falar, né?

MARA LÚCIA- gente que se acha ne...

KARLA – não tem sabedoria, porque não precisa ne...

MARA LÚCIA – uma pessoa dessa não tem sabedoria

MOACIR- eu contei pro outro pastor, ele acabou com ele, esse outro pastor, e ele é bispo, é o bispo, não pode acontecer isso. Se ele quisesse... É que isso ai, como que da o nome é... Não pode...

MARA LÚCIA- humilhação ne?

MOACIR- é... É...

MARA LÚCIA- desrespeito ne?

MOACIR- é...

KARLA- Menosprezar...

MOACIR- é! Num desprezar as pessoas que não sabe ler, ele reclamou com ele, falou pra ele...

ALFABETIZADORA – discriminar ne? Discriminou.

MOACIR- é. Reclamei, falei a historia pra ele, que não queria que eu estudasse me chamava de abestalhado, me chamou de abestalhado. Que eu era um abestalhado. Pra mim não disse não, falou pra duas irmã ai elas me falou. Foi por isso que eu sai da igreja.

KARLA- seu Ezequiel? Por que o senhor voltou a estudar?

EZEQUIEL- [risos]

KARLA- porque voltou a estudar?

EZEQUIEL – o que?

KARLA- a estudar

EZEQUIEL – é porque... Tava precisando fazer uma conta no banco, ai pra mostrar lá, precisa lá... Carteira. É. Só isso.

KARLA- Ta bom. Então pessoal, alguém quer falar mais alguma coisa?

Não...

MARA LÚCIA – Assim ta bom, se pra você esta bom. [risos]

KARLA- as perguntas eram essas...

[...]

KARLA- então é isso, muito obrigada.

LAURA- De nada.

KARLA- muito rico o que vocês falaram, vai me ajudar muito, minha professora vai ficar muito feliz. Muito obrigada vocês! Obrigada professora!

ALFABETIZADORA- nada.

KARLA- obrigada por essa entrada, porque tem muito professor, a gente quer fazer trabalho assim e o professor não aceita. E então muito obrigada pela abertura.

MARA LÚCIA – se a gente puder ajudar você com algumas palavras...

ALFABETIZADORA- é ela (Karla) ta ajudando a gente ne. Ta com um aluno, dando atenção, é uma ajuda ne.

KARLA- Muito obrigada, muito rico, muito interessante, cada um tem uma história, cada um tem um motivo ne, de não estudar, cada um teve que enfrentar uma coisa diferente. Muito obrigada e força pra vocês.

ALFABETIZADORA- eu vi no filme, é que a importância que muitas vezes os nossos pais não dão, não davam a educação. Pra eles era tipo coisa mais sem valor, que eles cobravam, eles não cobravam caderno, não cobrava se você ia para escola. Não, mas pra escola. Tudo bem que não tinha bolsa família, nem nada. Então hoje pode ser que seja por isso. Então eu vejo que hoje a mãe cobra, ne? Eu acho,

porque já sei que uma mãe cobra... Se saiu bem, se ta bagunçando. Então na minha época, eu ia, tinha dia que eu não ia, tinha dia que eu nem lembrava, minha mãe não tava nem muito assim, 'ah, você tem que ir'. Entendeu? Não era essa cobrança, pra incentivar! Pra ela era simplesmente, tinha uma convenção de horário... Não incentivava, 'olha se você estudar você vai se isso, vai ser aquilo'. Não tinha. Então era vago.

MARA LÚCIA –... “Estuda pra que, casa na roça, só vai ter filho”.

[...]